

Organizadoras

Daniervelin Pereira
Isadora Andreia Lotti
Mariana Sá Bertolacini
Rosilene Saar Xavier
Sara Rezende de Souza

Memorial de leituras



Belo Horizonte
FALE/UFMG
2020

Diretora da Faculdade de Letras

Graciela Inés Ravetti de Gómez

Vice-Diretora

Sueli Maria Coelho

Coordenador

Cristiano Silva de Barros

Comissão editorial

Elisa Amorim Vieira

Emília Mendes

Fábio Bonfim Duarte

Luis Alberto Brandão

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Sônia Queiroz

Capa e projeto gráfico

Glória Campos

(Mangá Ilustração e Design Gráfico)

Preparação de originais e diagramação

Ytalo Andrade

Revisão de provas

Denise Campos

Ytalo Andrade

ISBN

978-65-87237-13-8 (digital)

978-65-87237-12-1 (impresso)

Endereço para correspondência

LABED – Laboratório de Edição – FALE/UFMG

Av. Antônio Carlos, 6.627 – sala 3108

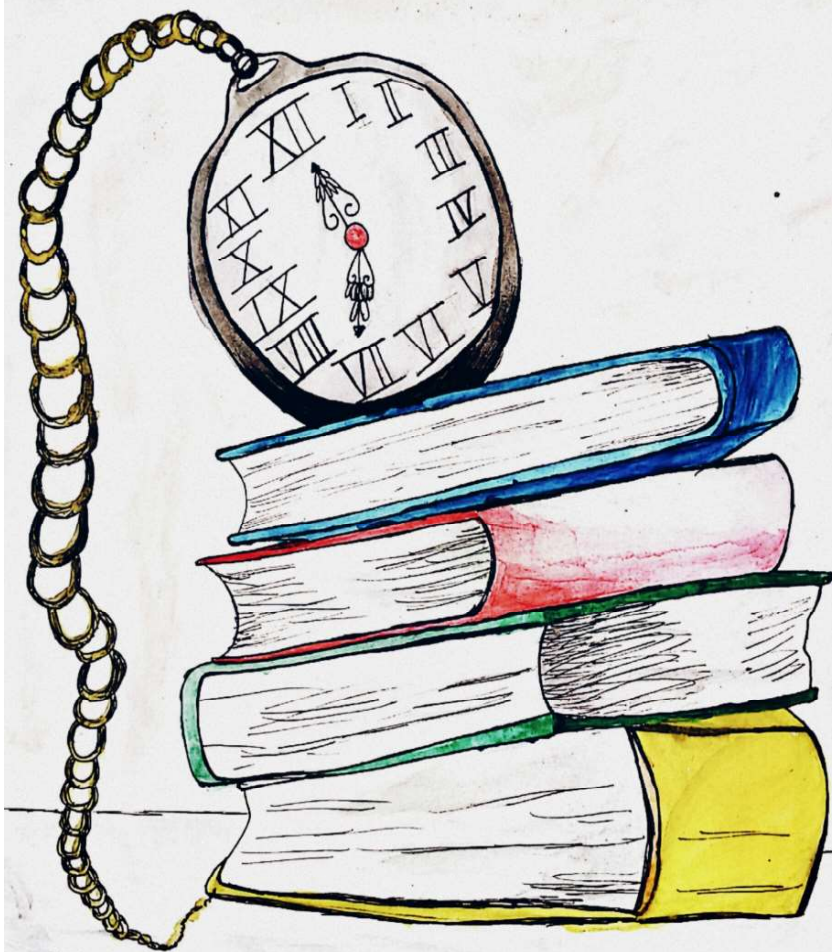
31270-901 – Belo Horizonte/MG

Tel.: (31) 3409-6072

e-mail: vivavozufmg@gmail.com

site: www.lettras.ufmg.br/labeled

Memorial de Leituras



Sumário

- 11 Apresentação**
- 13 A importância do ato de ler**
- 19 Memórias**
- 21 A importância do ato de ler**
- 23 Memorial de letramento: O início e meio da jornada, o fim nunca virá**
- 31 Trilhando os sonhos**
- 35 Consciência de se ler**
- 37 Memorial: a importância do ato de ler**
- 41 A Bahia e eu**
- 43 Memorial das salas escuras que continham livros grandes**
- 47 A importância da variedade literária**
- 51 Minhas memórias**
- 53 Novo mundo através da leitura**
- 55 Meu aprendizado**

- 57 A centopeia e seus livrinhos**
- 61 A importância do ato de incentivar**
- 63 Desenvolvimento linguístico**
- 65 Sobre livros e palavras**
- 67 Como descobri o mundo das letras**
- 71 Memorial**
- 73 Fragmentos de um memorial acadêmico**
- 77 Sobre os autores**

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. Ao ensaiar escrever sobre a importância do ato de ler, eu me senti levado – e até gostosamente – a “reler” momentos fundamentais de minha prática, guardados na memória, desde as experiências mais remotas de minha infância, de minha adolescência, de minha mocidade, em que a compreensão crítica da importância do ato de ler se veio em mim constituindo.

Paulo Freire

Quem pretende se aproximar do próprio passado deve agir como o homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo.

Walter Benjami

À nossa querida professora, Daniervelin Pereira, meus sinceros agradecimentos não só pela incrível oportunidade de participação e colaboração para este maravilhoso trabalho, mas também pela dedicação de nos mostrar a cada dia que podemos alcançar sempre mais. O primeiro semestre é o mais difícil quando ingressamos em uma universidade como a UFMG. Tudo é novo para nós, e muitas das vezes a adaptação se dá pelas vias mais complicadas. Mas mesmo em um mar de confusão, você, cara professora, soube nos guiar como ninguém, nos apresentando oportunidades que, até então, nos eram desconhecidas. Aos meus colegas de classe, também autores deste trabalho, quero deixar meus mais sinceros agradecimentos por juntos compartilharmos nossas memórias de um marco tão importante que é a aprendizagem. Esse semestre foi bastante desafiador para mim e creio que para muitos de vocês também. Em meio a um turbilhão de acontecimentos, encerramos essa primeira etapa de muitas outras que virão. Quero aproveitar este espaço também para lhes deixar um humilde conselho: não desistam de seus sonhos por mais que possam parecer distantes. Confiem em si mesmos e não se deixem desanimar. Foi ótimo compartilhar a realização de um sonho com vocês e a isso serei eternamente grata. Por último, mas não menos importante, quero agradecer às minhas colegas da edição pelo seu esforço e dedicação para a realização deste trabalho coletivo. Em especial, agradeço imensamente à Mariana Sá Bertolacini pelas maravilhosas ilustrações contidas aqui e pelo apoio dado a mim durante todo o processo de edição destas páginas. Sem você, eu não teria conseguido.

Isadora Lotti

Apresentação

Daniervelin Pereira

Neste singelo livro, deixamos aflorar memórias do processo de aprendizagem da palavra e do mundo, que, em alguns casos, como nos mostra Paulo Freire, se constitui como leitura da “palavramundo”. Foi a partir de reflexões sobre *A importância do ato de ler*, desse autor, na disciplina “Oficina de língua portuguesa: leitura e produção de textos”, no segundo semestre de 2017, na Faculdade de Letras da UFMG, que começamos um processo de resgatar livremente as memórias de como se deu nosso letramento, desde as primeiras lembranças que nos vinham à mente.

Questionamo-nos sobre o que seria a leitura da “palavramundo”. Seria: “ler nos livros o que antes já se viu no mundo” (Leandro)? A leitura que nos “prepara para o mundo” (Lucas Ramos)? A influência da leitura da palavra, como é cobrada na escola, na nossa leitura do mundo (Reginaldo)? Interrogamo-nos, ainda: quantos recuos, afastamentos e voltas são necessários para se aprender a ler a “palavramundo” (Sara)? É o que nos leva ao caminho do conhecimento (Sthefany)? É o que “a literatura, o mundo da leitura, nos proporciona por intermédio de palavras e, ainda mais, da imaginação” (Lady)? Todos esses pensamentos, de alguns dos autores dos memoriais deste livro, parecem complementar o que Paulo Freire explica: é a leitura que se dá quando a leitura da palavra, da frase, da sentença, não implica ruptura com a “leitura” do mundo.

Era uma atividade didática para que eu conhecesse melhor os alunos, mas a produção dos memoriais foi além disso no momento em que percebi que o movimento voluntariamente iniciado oscilava também pelo involuntário, deixando revelar por trás do relatado o que um olhar investigador pode descobrir sobre concepções de educação, de leitura, de ser professor e ser aluno, de tipos de lembrança, por exemplo. Notei, então, que o conjunto dos textos se constituía num arquivo para preservação de memórias que nos provocam a refletir sobre nossas próprias memórias, sobre nossas ações como educadores e como aprendizes na escola e fora dela. Paralelamente, são textos que, se, por um lado, podem nos fazer questionar sobre os limites da realidade e da ficção, por outro, nos seduzem e arrastam para o universo particular de cada autor, navegando com eles pelas imagens suscitadas, surpreendendo-nos com o melhor dos acontecimentos compartilhados.

Para que o tratamento das memórias não se desse de um ponto de vista parcial, montamos uma equipe de edição (leiga, mas engajada, formada pelas organizadoras deste livro) para pensarmos nos detalhes desta obra, sem excluir aqueles que melhor a entendem: os próprios autores. Fizemos algumas reuniões e, com sugestões de cada um, decidimos corrigir o mínimo possível dos textos, respeitando o estilo de cada autor do memorial. Alguns autores preferiram criar um codinome para seu memorial. Convidamos o leitor a viajar nas memórias que este livro apresenta e, no melhor espírito da "palavramundo", criar conexões, reflexões e sentidos para outras leituras possíveis.

A importância do ato de ler

Renata Eda

É engraçado pensar que existe um período na linha do tempo de minha vida no qual a leitura, pelo menos por minha parte, era impossível. Não é algo que consigo conciliar mesmo sabendo que passei pelo aprendizado da leitura, pois nunca houve uma falta de histórias fantásticas em minha infância. Minha inabilidade de extrair sentido da versão gráfica das palavras foi sempre suplantada pelas vozes de meus pais, tios e avós. Os velhos álbuns de fotografia no topo do armário, cheios de instâncias nas quais versões pequeninas de mim mesma sentam-se em variados colos, impossivelmente confortáveis, com abraços que seguram à minha frente um livro aberto. Se o meu amor tão publicamente declarado e a minha atual escolha de curso não fossem o bastante, essas fotos seriam evidência de que os livros – e os mundos contidos dentro deles – sempre foram parte de minha família, parte de mim.

Posso não recordar exatamente como aprendi a ler ou as dificuldades que tive, mas lembro-me da voracidade com a qual transformei essa nova habilidade em hábito, em prazer. Os livros que li e reli, os que trazem a mesma sensação de afinidade intensa, quando os vejo na estante, que sinto ao reencontrar um velho amigo: as revistinhas e almanaques da Turma da Mônica, o *Supermanual do escoteiro mirim* e *Os quatro mundos encantados de Walt Disney*. Por mais que os amei e ainda amo, eles não bastaram. Logo continuei ao longo da pequena biblioteca que tínhamos em casa. Devorei várias

vezes a coleção Os bichos, da editora Nova Cultural, deslumbrada com as fotos e os desenhos que, em retrospecto, foram os que despertaram o meu interesse pela Biologia e adicionaram bióloga para a lista infinita de “coisas que quero ser quando crescer”, junto com desenhista do Maurício de Sousa e escritora. Todos os volumes das enciclopédias, aqueles livros marrons da Delta Universal que todo mundo tinha quase por regra, terminei-os antes mesmo de precisar deles para fazer trabalhos de escola quando não existia Google e Wikipédia. Li dicionários de Português e Inglês; depois até mesmo de Japonês, por mera curiosidade.

Foi na escola que descobri que a minha experiência, a minha realidade, não era universal. Conheci crianças que não gostavam de ler, algo que até então não tinha se apresentado como possibilidade para mim. Conheci crianças que não gostavam de ler “livros de adultos”, uma distinção que nunca tinha sido feita em minha casa. A partir do momento em que adquiri a leitura e não mais precisava que meus pais a fizessem em voz alta por mim, tudo estava ao meu alcance. Até os livros no topo da estante que eu, com meus poucos anos e pouca altura – ou mesmo meu irmão mais velho e mais alto –, não conseguia pegar sozinha. Se fui submetida a algum tipo de gozação por conta disso, o que descobri que vários amigos meus sofreram, não foi frequente ou marcante o bastante para ocupar lugar em minha memória. Eu lia as coleções de atlas ilustrados e as revistas de videogame com o mesmo gosto, o que me dava vários tópicos de



conversação, mesmo que o assunto destas nunca viesse à tona com tanta frequência quanto o daquelas.

Existem muitas histórias nesse vasto mundo que me tocaram a ponto de eu as carregar comigo. Por isso, me pedir para nomear apenas um livro, ou filme, ou música, ou qualquer tipo de arte que seja, como meu único favorito é o mesmo que infligir uma crise existencial. Porém, existe um livro em especial e um autor que foram instrumentais, não apenas para o meu hábito de leitura, mas também para quem eu me tornei. No meu sexto aniversário, uma das tias de minha mãe (que, por convenção familiar, eu também chamo de tia) me presenteou com o livro *O gambá que não sabia sorrir*, escrito pelo fantástico Rubem Alves. Foi amor à primeira lida. E quando, em minha fome por mais, descobri que essa pessoa que eu nunca tinha ouvido falar antes, mas que já tinha roubado meu coração, escreveu outros livros, decidi que não havia nada que eu precisava mais do que uma coleção completa. Nessa idade, eu e meu irmão ganhávamos mesada: dez reais por mês que podíamos gastar com o que bem quiséssemos. Até então, eu costumava esperar e juntar cem reais para depositar em minha poupança – algo que ilustra bem o tipo de criança que eu era. Mas depois de conhecer o Cheiroso (o próprio gambá que, *spoiler alert*, acaba aprendendo a sorrir de novo), minha mesada imediatamente se tornou o meio de obtenção de mais livros do Rubem Alves. Não era o bastante pedir para meus pais que os comprassem: eu tinha que adquiri-los eu mesma. Era esse o nível de importância que minha mente de criança tinha delimitado.

Minha mãe, uma das pessoas mais intuitivas às sensibilidades dos outros que eu conheço, percebeu o grau de minha dedicação e a fez mais concreta. Delicadamente, como se ela estivesse segurando meu próprio coração em suas mãos, ela embrulhou uma caixa com papel especial metálico (explico aqui que minha mãe tem mãos abençoadas e sempre possuiu o talento de transformar papéis em arte; logo, esse fato é de suma importância para entender a gravidade da situação), onde eu poderia guardar todos os meus livros do Rubem Alves, a qual denominamos “Caixa dos Sonhos”. Ao longo dos anos, essa caixa foi se enchendo juntamente com o meu amor por esse autor que parecia

conseguir ler dentro de minha alma para escrever seus livros. Na mente das pessoas que me conheciam, “livro do Rubem Alves” passou a ser meu sinônimo. Quantas vezes escutei “vi um livro do Rubem Alves e lembrei de você!”? Perdi a conta, mas guardo todas elas com imenso carinho e orgulho de poder dividir o espaço de um pensamento com ele.

O apoio de meus pais foi indispensável. Eles trataram essa pequena *quase-obsessão* de uma pequena menina com a mesma seriedade que eu, sempre me encorajando a ir atrás do que eu queria quando eles podiam ter simplesmente comprado a coleção para mim e me deixado com os livros. Escrevemos uma carta para o Rubem Alves, que não chegou a responder, já que ele recebia um número incabível de correspondências. Era lógico que existiam muitas outras pessoas que foram tocadas por ele assim como eu fui. Fiquei desapontada, mas entendi. O que eu não esperava nem em um milhão de anos é que ele ligaria para mim. E logo em um dia em que não estávamos em casa! Por mais que fiquei decepcionada de não ter podido conversar com ele, o fato de ele ter deixado uma mensagem em nossa caixa postal e me dado seu número pessoal era tão próximo do meu sonho de conhecê-lo que eu já o considerava alcançado.

Mas esse sonho ainda veio a se realizar. Quando eu tinha oito ou nove anos, um dos meus professores (meu querido Tio Doni) ficou sabendo que Rubem Alves estava lançando um livro em nossa cidade e passou a informação aos meus pais. Fomos todos juntos. Vê-lo em pessoa me roubou a capacidade de fala. Não consegui fazer nada além de entregar a ele a minha edição de *A menina e a pantera negra* para que ele a autografasse. Não sei qual dos adultos comigo gentilmente disse a ele quem eu era ou quais foram as exatas palavras que ele disse a mim em resposta, mas me lembro do calor do seu sorriso e do seu abraço e guardo a foto desse encontro como um de meus mais valiosos tesouros.

Um pouco mais velha, aprendi a verdadeira história detrás desse presente tão incrível. Tia Irene foi quem me deu o meu primeiro livro do Rubem Alves; é o nome dela que consta na dedicatória. Mas foi a esposa do primo Itamar Júnior, ou Juninho, quem o escolheu.

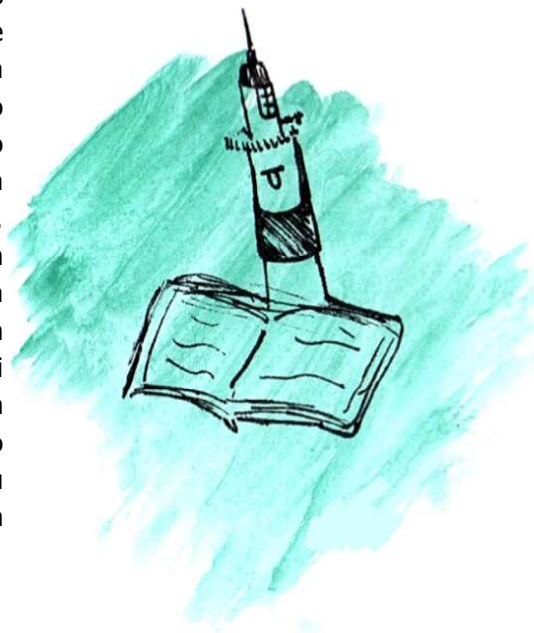
Encontrei-me com ele recentemente e conversamos sobre isso. Ele me disse que procura sempre presentear com *O gambá que não sabia sorrir* as crianças ao seu redor. Saber que elas virão a descobrir meu autor favorito, da mesma maneira que eu, me enche de alegria e um pouco de pesar. A morte do Rubem Alves foi uma perda inigualável não só para o sistema de educação brasileiro, não só para a adulta em mim que perdeu um mestre e um amigo, mas também para a criança que perdeu um pai, um tio, um avô, uma voz que enchia o mundo de beleza, emoção e aventura.

Quando digo que Rubem Alves, seus livros e o próprio ato da leitura em si fazem parte de mim, não quero dizer apenas como algo que gosto de fazer em meu tempo livre. Eles são fundamentais à minha vida tanto quanto o sangue que corre em minhas veias, tão responsáveis pela construção do meu ser quanto a cultura da pequena família japonesa de meu pai e da imensa família italiana de minha mãe. A leitura, mesmo quando eu não era capaz de fazê-la sozinha, já era um aspecto essencial. Ela sempre foi e sempre será uma grande amiga que é tanto companheira e acolhedora quanto desafiante e transformadora.

Memórias

Dênio Vaz

Penso nos meus primeiros passos dentro do processo de alfabetização. Naquela época, eu era um aluno de uma escola pública de Salvador. Com esses pensamentos, vem a saudosa lembrança de uma professora, tamanho era o seu zelo e carinho para com os alunos. Contudo, o tempo passou, vieram as séries seguintes com os professores exigentes, o tratamento ficou impessoal, as professoras sumiram, os professores tornaram-se coronéis de fato e/ou de ato. Enfim, a escola tornou-se um fardo quase insuportável. Quanto à leitura? Esta se arrastava e permanecia na superfície. "Palavramundo"? Isso nem em sonho! Isso era só para comunistas. Mas em algum momento uma chama foi acesa, talvez a chama da curiosidade, não sei ao certo. E mesmo sem que eu conhecesse sua origem, ela teimava em não se apagar.



Assim, através desse incômodo, continuei lendo, sem saber direito o que e para quê. Dessa forma, os anos se foram, veio o casamento, vieram os filhos, muito trabalho, mas algo me inquietava.

Enfim, aquele que um dia foi um "monstro" tenta tornar-se humano através do desenvolvimento do letramento, que, com a ação da universidade, cresceu e cresce, em um processo que parece não ter fim, para o reconhecimento cada vez mais amplo da "palavramundo" e de seus efeitos.

A importância do ato de ler

Sthefany Magalhães

O meu encanto com a palavra não acompanhou minha primeira infância: dela pouco me lembro e pouco romantizo. Minha meninice não teve o doce comum da inocência ou do enleio, talvez por ser filha caçula de um casal mais idoso e ter irmãs já adultas, em uma cidade grande dentro de um apartamento pequeno no centro.

Lembro-me, porém, da adolescência com um pouco mais de esperança. As mesmas irmãs mais velhas, que não me acompanharam nas brincadeiras de boneca, agora levavam-me aos museus, centros culturais, peças de teatro e bibliotecas. Ao passo que minha infância tinha belezas e conquistas pequenas e sutis, minha adolescência foi repleta de descobertas e de um verdadeiro gosto pelo mundo, pela multiculturalidade, pela leitura.

Obviamente, não era assim na escola: gramática tradicional, produção de textos com temas nada interessantes para jovens de 13 anos, a obrigatoriedade de escrever como um homem português do século XX enquanto eu, uma adolescente, falava e escrevia nas redes sociais usando: "mano, cê tá bem?". Não fazia nenhum sentido aprender algo que eu já dominava, e o que eu não dominava continuaria não dominando (afinal, até hoje nunca usei "Eu vos sou muito grata!").

Minhas válvulas de escape foram os livros *blockbusters* da atualidade, mas também aqueles clássicos de primeira leitura, como *O pequeno príncipe* e *O mundo de Sofia*. Creio que, a partir dali, meu processo de alfabetização realmente começava. Claro, eu sabia

ler aos 13 anos; só não sabia que o mundo da leitura era tão vasto, tão cheio de possibilidades, intertextualidades, um diálogo íntimo e bonito com o mundo exterior e com o leitor. O encanto da palavra agora relacionava-se com o encanto da leitura do mundo e, a partir desse momento, sentia-me, finalmente, no caminho do conhecimento.



Ler e escrever hoje são parte do meu ofício, da minha vida acadêmica, dos meus prazeres e *hobbies* diários, da minha construção como ser pensante e atuante em um mundo cheio de necessidades e perspectivas. Eu não tive o encanto das palavras desde cedo, mas não saberia dizer o que hoje eu seria sem elas. No futuro que programo, espero proporcionar o máximo possível de encanto n'alma daqueles que me rodeiam e

de esperança para continuar acreditando num mundo de pluralidade por meio do diálogo, da leitura, da escrita e da cultura.

Memorial de letramento: O início e meio da jornada, o fim nunca virá

Gabriella Viriato

Os primeiros passos com as letras dessa que vos escreve começou em um sentimento. Um sentimento de pertencimento, sim, pertencimento a um mundo em que as letras são ferramentas essenciais na jornada rumo a um novo lugar. E será assim, até que a eternidade chegue. Ora, teremos que voltar alguns anos atrás.

Eu era muito nova ainda, mas já era encantada pelas histórias que via e que ouvia e que imaginava. O costume de deitar do lado da minha mãe antes de dormir para ouvir contos e narrativas inventadas na hora me despertava uma paixão por aqueles momentos e, principalmente, por criar e recriar diferentes mundos na minha cabeça. Aos domingos a felicidade reinava. Acordava logo cedo e tomava meu café. Minha mãe me vestia com delicadeza e ternura e em seguida íamos com minha irmã mais velha (na época vista como uma grande chata) para a escola bíblica dominical. A igreja ficava a dois quarteirões da minha casa, Igreja Presbiteriana do Brasil, e foi lá que esse sentimento começou.

Lembro-me bem de que todos os domingos de manhã havia contação de histórias, estudos, desenhos para colorir e atividades de recorte. Sentávamos em cadeirinhas junto a uma grande mesinha horizontal, e todos, muito atentos, sentíamos como se estivéssemos dentro das histórias. O imaginário me permitia ver como o mar vermelho se abriu, ou como eram grandes os leões da cova onde Daniel foi jogado, ou como era grande o peixe que engoliu Jonas, ou quão

triste Adão e Eva ficaram ao ver que erraram. E a partir de histórias contadas, letras de músicas, filmes, desenhos para colorir, conheci as boas notícias do Evangelho que, aos poucos, iam me trazendo certezas cada vez mais claras de que eu me modificaria para melhor.

Os filmes sempre me apresentaram vidas, personagens, ideias e palavras novas. Quando gostava de um filme não havia nada que me fazia tirá-lo do videocassete; via e revia até decorar todas as falas dos personagens. Quando ia à locadora que ficava na rua de cima da minha casa, mal sabia decifrar aquelas letrinhas, então procurava pelo desenho e pedia para meu pai ler pra mim e, se me interessasse, eu levaria e assistiria durante uma semana inteira. O legal mesmo era poder escutar e me apropriar de pequenas coisas que eu achava importante. Aprendi a ser gentil com princesas, aprendi a ser divertida com *Monstros S.A.*, a ser destemida com Josué e a fazer parte de um mundo diferente com o chamado de Israel. Era um processo se iniciando, e eu nem imaginava como essas histórias e as apropriações que fazia delas se tornariam mais forte, pois em semanas entraria na escola.

E então entrei em uma escolinha que me trouxe experiências encantadoras. A escolinha Pingo de Mel ficava no fim da minha rua. O uniforme era cinza com azul, e de marias-chiquinhas encontrava-me sentada com os pezinhos cruzados na cadeira de madeira. Lembro-me de que as atividades me encantavam; não havia alguém que gostasse mais de colorir do que eu. Certo dia, desenhando um jardim, um coleguinha me ensinou a fazer uma graminha debaixo das árvores, porque senão elas estariam voando. Sem contar que as rodinhas da aula de balé nos ensinavam a cantar e contar histórias maravilhosas de como nos tornaríamos ótimas bailarinas e viajaríamos pelo mundo. E as musiquinhas que cantávamos para ir lancha ou na hora da soneca me faziam imaginar como seria colocá-las no papel. Foi essa escolinha que me trouxe a mesma sensação de um pingo de mel em contato com o paladar ao aprender a ler. A leitura em voz alta e separando cada sílaba era o som que mais se ouvia em minha casa, pois já acordava cedo e pegava livrinhos para ler. Com ajuda da máster-chata-da-minha-irmã-pré-adolescente, eu fazia os deveres

de casa e lia como quem não quisesse mais parar. Era uma felicidade maravilhosa poder escrever, mesmo com aquelas letras gigantescas e trêmulas (que ficavam até desproporcionais). Gastava horas fazendo cartões de datas comemorativas para todos da minha casa ou todos que eu achava que eram dignos da minha nova atividade.

Agora as histórias da escola bíblica dominical não ficavam apenas na confiança das professoras; eu podia ler e acreditar cada vez mais nelas. Ficava tão admirada e empolgada com todas essas novidades que passei a ler e reler os poucos livros que tinha em casa, e em pouco tempo já estava "craque", como meu pai dizia.

Para melhorar minha estante de livros, ganhei uma coleção, em uma noite que estava vendo minha mãe trabalhar (em um salão, como cabeleireira). Eu adorava vê-la trabalhar: um tesouro para se guardar debaixo de sete chaves. Uma cliente chegou e me viu lá sentadinha com as revistas do salão, que já estavam cansadas de serem lidas e não entendidas tão profundamente, admirada com tantos rostos bonitos e cabelos chiquérrimos. Ela logo me perguntou:

— Você gosta de ler, florzinha? — Eu muito tímida sorri e acenei que sim. — Que ótima notícia! — ela me respondeu.

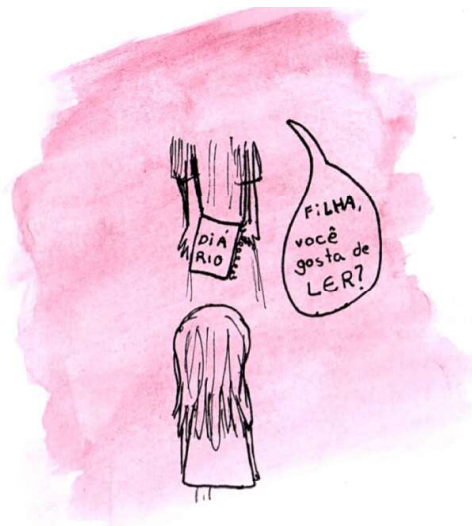
Eu fiquei meio sem entender e, na timidez, não quis perguntar. Alguns dias se passaram e ela voltou ao salão com um lote fechadinho de cadernos finos que, ao me entregar, percebi que eram livros, livros infantis, e me disse:

— Acho que você vai amar!

Minha mãe, sem jeito, falou a ela que não precisava daquilo tudo. Mas ela resolveu explicar:

— Não, Eliana, eu trabalho em uma editora de livros infantis e tenho direito a esse lote de livros. Está tudo bem, estou feliz por presentear-la.

Lembro-me bem do diálogo e da felicidade que tive de poder ler aqueles livrinhos. Hoje penso como foi importante um ato tão bonito. E minha aventura começou. Com tantos livros, viajei para lugares infinitas vezes e me lembro, especificamente, de um que contava a história da vida em uma fazenda; as figuras pareciam de massinha, fotografadas para contar o enredo. Os pomares da fazenda eram magníficos, as



frutinhas mais vívidas do que quaisquer outras. Tinha a fábula *A formiga e a cigarra* – um clássico –, que me ensinou a nunca deixar nada pra última hora, pelo menos naquela idade. E outros que não me recordo muito bem. Então eu fui crescendo, lia e relia esses livros e os outros que meus pais me davam, até que, ao ficar mais velha e ver que a leitura nem sempre

agrada, que ela nem sempre está ligada ao texto escrito, eu me desinteressei. Estava na quinta série e ler se tornou chato e cansativo. Tive alguns professores que não tinham didática ou outros métodos para ensinar; eles nos pediam para ler os livros didáticos e fazer resumo, o que era uma grande chatice. Hoje vejo que havia alguns fatores para que eles fizessem isso. Foi uma experiência frustrante (que durou até o fim do ensino médio em diversas matérias). E eu sempre pensava nos próximos alunos, como eles poderiam ficar sem aula dessas matérias e pensava em como eu poderia mudar aquilo. Era a minha vocação de professora começando a florescer.

Aos onze anos, tudo estava mudando: minhas amigas não queriam mais se reunir para brincar, se importavam em fazer cartinhas. Agora a pré-adolescente-temperamental era eu. Oh, época louca, chata, difícil! Tudo mudava muito rápido. Ao mesmo tempo em que queria algo eu já não queria mais, sem contar que tudo havia um padrão para ser. Não podia ser magra demais, usar tais roupas, ter o cabelo de tal jeito. Um medo de pensar no que os outros iam achar de mim. E assim fiquei sem saber onde pisar. Quando estava sendo eu, era vista como chata, e quando tentava ser igual a todo mundo, aquilo me chateava.

Então, comecei a me interessar por música e logo entrei para a aula de violão. Entusiasmada e ansiosa, mal esperava a hora para que os sábados chegassem. Foi aí que aprendi a ver letras comuns se transformarem em sons, notas e melodias. Ao ver um "D" virar Ré, um "G" virar Sol, em pouco tempo aprendi a tocar. Gostava de tocar de tudo um pouco (igual meu gosto musical). Um hábito se desenvolveu: o de analisar letras de músicas, interpretá-las e ver, além de suas letras, as mensagens, os contextos, os objetivos. Diferente das minhas amigas, eu gostava mais da MPB e de ritmos acústicos. Algumas vezes, ouvia o POP, mas é nas melodias calmas e serenas que me encontro mais. Assim, ouvia mais as músicas que tinham valores a passar, ideias condizentes com as minhas. As músicas do mundo gospel não me "atendiam", pois há alguns erros, algumas falhas, discordâncias bíblicas que muitas pessoas não veem. Gostava mais da "MPB Cristã". Ouvia as canções do Palavrantiga, Crombie, Lorena Chaves, Gerson Borges, João Alexandre – músicas feitas para se pensar, questionar as palavras e suas colocações, conferir se aquilo estava certo ou não. Uma visão de mundo que desde as aulinhas da escola dominical, os cultos, as pregações expositivas por meio da palavra, veio se formando, veio me transformando com calma, em seus propósitos, deixando-me errar para me refazer. Não havia outro lugar que eu queria para que essa palavra viva fizesse morada.

A experiência com os livros não era mais tão grande assim; desde que eles se tornaram chatos na escola, gostava menos de ler. Isso por achar que ler era apenas livros, apenas letras escritas em papel mais amarelado com capa dura. Não percebia que no modo que eu vivia estava lendo e interpretando o contexto. Mas sentia falta do *hobbie*, da literatura. Foi quando conversando com os meus pais, eles me apoiaram a tentar a voltar a ler, porque na escola podia ser chato, mas, em casa, em outro contexto, não. Voltei a ler; livros internacionais eram os meus preferidos (infelizmente fui me interessar por literatura nacional anos depois nas aulas de literatura do cursinho). As compras *on-line* me deixavam ansiosa pela demora da entrega. Quase toda noite, me deitava e lia quatro, cinco capítulos. Eu reencontrei o hábito, abracei-o com todas as forças e até hoje me encontro na literatura,

me identifico com alguns dramas, tiro lições, retenho o que é bom para mim, me divirto.

Nesse contexto, pode ser que um pouco de romantismo tenha sido absorvido demais. Na maior fase da adolescência, me apaixonei, um amor que de princípio era platônico me fez ter a vontade de escrever tudo no papel, todas as borboletas no estômago seriam registradas, e havia uma rede social que me ajudava: no *Tumblr* escrevia todo amor de adolescente, textos quase poéticos, coisas de uma adolescente, que não tem como explicar ou caracterizar melhor do que coisas de uma adolescente. Assim, passei a narrar ao escrever histórias e até tentei compor. É bom poder fazer o registro dos seus sentimentos, tirar o que te espreme para fora. Com o tempo cultivei essa prática, criei cadernos que me conhecem mais do que eu mesma. Nunca fui muito boa em ortografia, gramática e essas coisas, mas gosto de escrever, de narrar, de confessar, de anotar as coisas que vivo, as experiências vividas para saber como agir, para ver se houve erro. E, assim, posso dizer que essa prática faz parte de mim. Coloco no papel o amor, a saudade, a esperança, o conhecimento, a experiência do dia concretizando o que sinto; o que experimento e compreendo sem o medo de errar a vírgula, a elipse ou a crase, pois sei que é uma confissão de mim para mim mesma.

Dezoito anos. Foi quando parei para analisar o caminho que já tinha percorrido e o que estava à frente. Eu estudei, trabalhei, formei, não passei no vestibular, estava confusa, sentindo uma grande necessidade de mudança. Então me percebi em uma estrada de duas vias: ou eu escolhia esse mundo de vapor ou um caminho estreito e apertadinho, mas que era concreto, me refazia, me reescrevia e me preenchia. O mundo mudava mais uma vez bem como mudou aos onze anos; agora, eu precisava ter mais responsabilidade, mais seriedade, novas escolhas. Olhei para trás e percebi, percebi um monte de erros, um monte de oportunidades não aproveitadas, algo estava incompleto. Sentia-me cansada, a adolescência era algo cansativo, porque você se preocupa demais com o pensamento de outros, você precisa ter certo tipo de comportamento, senão está errada. Eu nunca me encaixei e errei por muitas vezes ao aceitar aquilo, por querer não ser vista como

a chata. Mas, agora, eu via o que eu queria, vi meus erros e queria corrigi-los. Aos poucos, me observava e anotava os erros. A princípio não sabia muito bem o que fazer, mas, então, lembrei que há um lugar, um lugar em que há uma troca de fardos, onde há descanso para os sobrecarregados e para os cansados. Descobri o que me faltava: retomar o sentimento de pertencer a algum lugar sólido e não tão efêmero como o que tinha vivido nos sentimentos da adolescência; nos livros de romance; no romance que vivi; na escola; nada disso possuía uma solidez.

Passei a levar as coisas mais a sério, em todos os âmbitos. Estava no cursinho pré-vestibular, levava a sério os estudos, tive professores maravilhosos que me despertavam ainda mais a vontade de ser professora. O medo de as coisas passarem se foi e a ansiedade das coisas futuras também. Tudo o que passou serviu para eu ser quem eu sou hoje, refeita. Erros que não cometerei de novo, oportunidades que não serão desperdiçadas, os acertos colecionados, as boas lembranças separadas das más, o passado não importa muito mais. Com a cosmovisão centrada no Evangelho, eu leio e escrevo. Leio o mundo e o que preciso para viver nele; escrevo minhas pegadas nesse caminho curto e passageiro. Ao modo que vivo, leio e interpreto em ações. Pertença ao porto que está logo à frente, esse sentimento de que tenho falado. As aulas da escola dominical se tornaram presentes na minha vida. Esse costume se tornou pouco a pouco a solidez de ser encontrada por um mundo em que existe uma esperança redentora, onde existem palavras vivas e extremamente atuais, onde o verbo tem vida e habita aqui.

A literatura ainda é um *hobbie*, a escrita, também. Mas ainda estão presentes na faculdade, na vontade de compreender um pouco mais da teologia reformada e das boas novas, nos livros de romance, suspense, etc. A escrita hoje me ajuda em resumos, em mapas mentais para o estudo, a anotar dúvidas e questões. Após estudar determinado tipo de assunto, independente do que for, escrevo meus entendimentos. Os diários têm tido meus registros, a fase da adolescência, o hoje e o agora. Quem sabe esses diários não serão entregues à minha filha? O sentimento de pertencimento a esse mundo se deu através de uma

das ferramentas essenciais: as letras. Elas me ajudam a chegar em casa lendo e interpretando o mundo. Ajudam-me a ser quem sou; a descobrir cada vez mais sobre esse sentimento que começou desde criança, que se manteve em meio à confusão da adolescência e se faz mais presente hoje. E elas serão usadas todos os dias da minha vida, só chegarão ao fim quando o Eterno voltar. Quando essas ferramentas não serão mais necessárias e esse sentimento de pertencimento será preenchido por completo e se manterá para sempre.

Trilhando os sonhos

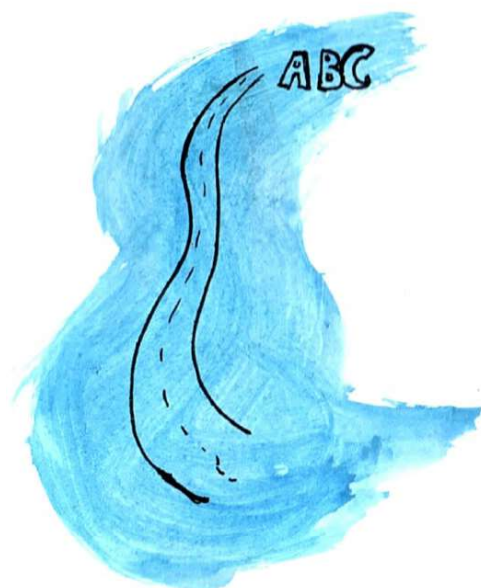
Isadora Lotti

Aprendi a ler quando tinha apenas quatro anos de idade. Lembro até hoje que no começo era apenas brincadeira: as letras do alfabeto eram bem coloridas e associadas a alguma figura que conhecíamos; a professora nos mostrava primeiramente a letra e depois a imagem à qual ela correspondia. Também aprendíamos cantando; a música da Xuxa marcou a minha infância e a de vários colegas meus.

Ficava em uma creche desde um ano de idade, pois minha mãe precisava trabalhar. Saí de lá aos seis anos já sabendo ler, escrever, somar e subtrair, e mesmo bem pequena me sentia preparada para o que estivesse por vir. Por ter tido contato com outras crianças cedo, fui perdendo minha timidez aos poucos e me tornei uma criança bem comunicativa que adorava compartilhar minhas descobertas sobre o mundo com meus colegas. Ao final de algum relato, eu sempre ficava esperando a carinha de surpresa que eles me dirigiam a respeito da minha mais nova descoberta. Era prazeroso, para mim, partilhar meu conhecimento. Sentia-me como uma grande aventureira que devagar desbravava o mundo.

Eu era uma criança apaixonada por histórias fictícias. Sempre fui incentivada a ler, e os livros se tornaram meus melhores amigos. Lembro que, quando tinha mais ou menos uns sete anos, meu sonho era ter uma coleção de livros todos à minha disposição, esperando para serem lidos e relidos quando eu quisesse. Porém, não tínhamos condições naquela época, pois era de família humilde e não podia me

dar a certos luxos. Entretanto, fazia muito uso das bibliotecas escolares, me tornei amiga das funcionárias e nunca atrasei um livro sequer; era uma verdadeira leitora exemplar.



Comecei minha trajetória com livros infantis. Na creche mesmo já pegava emprestado e lia em casa com minha mãe. Mais tarde passei para os classificados como infanto-juvenis. Talita Rebouças marcou minha entrada para a pré-adolescência: quem não se identificaria com as situações cômicas que a personagem principal passava à medida que ia crescendo? Eu certamente me identificava. Em seguida, dei um salto para os romances maiores e mais complexos: aos onze anos fui apresentada à brilhante Emily Brontë através de *Morro dos ventos uivantes*,

que, simplesmente, amei. Nunca tinha visto uma representação de amor tão avassaladora e autodestrutiva como Emily Brontë descreveu tão bem em seu único romance. Era algo inédito para mim, perceber que o amor destruía até mesmo o resquício de sua mais remota humanidade.

Na escola, sempre tive muita facilidade com as matérias das Ciências Humanas e Linguagens. Minhas matérias favoritas eram história e português. A parte de gramática não me agradava muito; decorar regrinhas e atribuir a apenas uma variação da língua a forma “correta” de escrever e falar não me agradavam. Gostava mesmo era da literatura, pois o mundo da ficção me atraía bastante.

Sempre muito estudiosa e devoradora de livros, segui minha carreira acadêmica no CEFET-MG, quando, ao passar para o ensino

médio, prestei vestibular e ingressei no curso Técnico em Edificações, pois pensei que Engenharia Civil seria uma boa área de atuação para mim e me renderia uma certa condição financeira. Logo no primeiro ano de ensino médio integrado ao técnico percebi que aquilo não era para mim. Eu detestava matemática e desenho arquitetônico. Nem por dinheiro estava disposta a seguir aquele caminho tão monótono e milimetricamente calculado. Não podia viver de cálculos e racionalidade em cada quadrado construído. Eu precisava de mais, e foi aí que as coisas se complicaram.

Não relatarei aqui as dificuldades e conflitos internos pelos quais passei nesse período, mas direi que o mundo dos livros me acolheu como ninguém mais pôde. Eu sabia que não poderia fugir por mais tempo da inevitável verdade: a literatura era minha paixão de vida e eu só seria feliz se tentasse realizar aquele meu sonho infantil de resgatar por meio das palavras as pessoas de suas rotinas comuns. Queria ser escritora. Demorei um tempo para aceitar me inscrever em Letras. Optei até por História, já que, até então, ser professora era meu único plano B e eu simplesmente não queria ensinar gramática para ninguém. Acredito que a forma como a gramática tradicional é ensinada nas escolas só contribui para aumentar o nível de desinteresse dos alunos em relação ao nosso português e exclui a cultura enraizada de cada indivíduo.

Voltando às minhas lembranças, me acalmei em um determinado momento e pesquisei tudo a respeito do curso e o mercado de trabalho; olhei toda a grade, conversei com pessoas que já cursaram Letras e me aliviei. Percebi que era tudo que me atraía e me caracterizava. Reuni coragem e fui em busca do meu mais novo objetivo. Pensei que não ia dar de primeira, pensei que teria que me dedicar ainda mais no próximo ano, o que não seria problema, pois, quando se quer algo de verdade, você luta incansavelmente até conseguir.

Não precisei tentar novamente. Entrei para Letras na faculdade em que sempre quis estudar, mesmo quando não sabia o que queria estudar, e hoje sou muito feliz. Faço o curso que gosto e tenho esperanças para o futuro que está por vir. Quando revejo minha trajetória, agradeço em silêncio a todos que me incentivaram a entrar

de cabeça nesse mundo mágico da literatura. Reconheço o quão necessário foi cada obstáculo que tive que superar para estar aqui hoje e sei que, se precisasse passar por tudo de novo só para alcançar o mesmo resultado, não precisaria pensar duas vezes. Nada é por acaso e tudo tem o seu valor.

Consciência de se ler

Reginaldo Pereira Barbosa Júnior

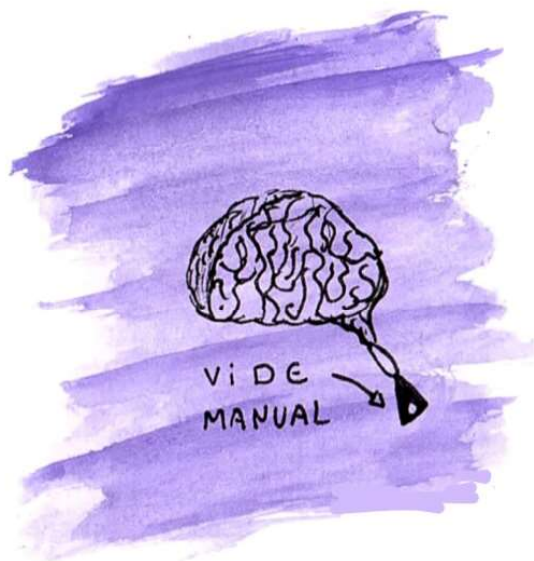
Sempre fui bom aluno, pois fazia tudo o que o professor orientava. Todos na escola gostavam de mim. Confesso: tenho uma facilidade de repetir teorias. Para transmiti-las, então, sou ótimo! Ensinaram-me isso direitinho na escola. Já hoje, quando vou ajudar minha irmã na lição de casa, percebo que nem repetir a teoria ela quer. “Não é mais fácil você me falar a resposta, não?” – escuto com frequência dela. E assim se vai, outra vez, a oportunidade de pelo menos criar estímulos neurais.

Passei minha vida escolar pensando estar trabalhando com a palavra do modo mais adequado possível, já que a pontuação máxima era me dada com frequência. Não havia motivo para duvidar do meu jeito de ler a palavra. Era líder de turma, fazia teatro como ninguém, sentava-me na primeira carteira e sempre tinha maus olhos para aqueles que “não queriam nada com a dureza”, como dizia uma de minhas professoras de português – mestre formado em Letras é sempre assim, pelo menos os meus foram! Tem que fazer e fazer bem, cada texto, cada exame, cada tarefa! E eu os fazia “bem”, não somente os conteúdos de português, mas também os de matemática, história, física, enfim, as matérias do currículo escolar básico.

No entanto, essa experiência escolar ou de leitura da palavra foi, no momento do vestibular, uma frustração, pois foi quando percebi que a leitura da palavra do modo como tinha sido feita nos meus 12 anos dentro da escola não tinha contribuído para uma visão de mundo

mais crítica e criteriosa e nem tinha me proporcionado a conquista de estar dentro da universidade. Desse modo, a leitura da palavra que me passaram estava muito distante do que realmente seria a vida.

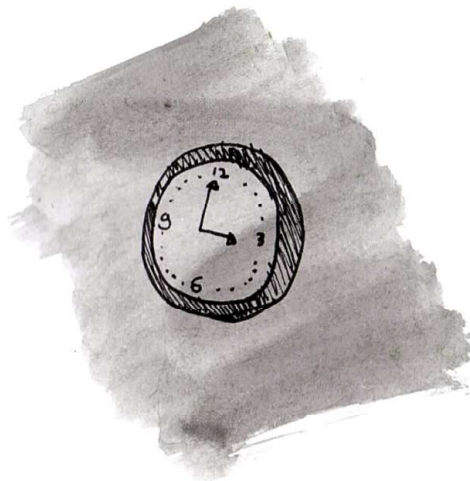
Assim, não posso dizer que a leitura da palavra não me ajudou em nada. Mas posso afirmar que o modo como essa leitura foi cobrada de mim não me ajudou a ler o mundo como se espera. A vida precisa ser mais prática. E a leitura da palavra deveria nos levar para uma dimensão jamais vista a respeito desse mundo, causando diferença em quem a ler. Por isso, hoje fico vigilante quanto ao modo como leio a palavra. Penso que é preciso lê-la com muita consciência da importância do processo "palavramundo", como nos ensinou Paulo Freire.



Memorial: a importância do ato de ler

Lady Lourdes Soares Medeiros

Antes de tudo, me valho de um exercício muito impraticado por muitos de nós na atual era do "não tenho tempo", que é o de voltar-se para si mesmo e encontrar as sementes do que somos, por nós mesmos. Digo de um retorno àquelas fantasias inocentes em que nos permitíamos tudo quanto a imaginação nos desse. Daqueles sonhos de se tornar um astronauta e ser um viajante intergaláctico, de ser uma bailarina e bailar no céu com as estrelas, de tentar descobrir como os adultos dizem ter 24 horas o dia, se ninguém deixou de dormir para contá-las, ou para onde vai o sol quando anoitece... Todas essas fantasias, essas questões nada óbvias para os adultos, são responsáveis por nos tornar quem somos...



Muitas das fantasias, das possibilidades oníricas que todos nós, ainda que adultos, nos damos, envolvem principalmente a realidade na qual estamos inseridos, ou seja, o mundo que conhecemos. E, ainda, uma grande amiga do fantasioso, do inventado, do imaginário, é a literatura, que conduz todos que se abrem para as possibilidades de ser quem "nunca" poderiam

ser, a ver o que “nunca” poderiam ver, a viver o que “nunca” poderiam viver, a sentir o que “nunca” poderiam sentir, convidando-nos a não abandonar o potencial criativo que possuímos.

Memoráveis aventuras, a literatura, o mundo da leitura, nos proporciona por intermédio de palavras e, ainda mais, da imaginação. Apesar de ser impossível lembrar exatamente as histórias que nos ocorrem, lembro-me com prazer dos livros de poesia e de ficção científica, os quais me debruçava a ler na biblioteca de minha escola. Deitava-me numa confortável, grande almofada e lá embarcava nas ilustrações fantásticas das estrelas, de viagens interplanetárias, de um universo sem fim, cheio de possibilidades. E o que dizer de Cecília Meireles, minha musa inspiradora na poesia? Que grande emoção tive quando, na 5ª série do ensino fundamental, fui convidada por minha professora de língua portuguesa a participar do evento de talentos da escola! Não poderia ter escolhido melhor faceta: escolhi declamar um famoso poema infanto-juvenil de Cecília, *A bailarina*. Consigo me recordar com carinho dos detalhes de minha preparação: da felicidade de minha professora ao ver que eu tinha aceitado o convite; dos ensaios com minha melhor amiga, que também recitou; de treinar gesticulações como no poema; de sorrir orgulhosamente quando havia decorado uma estrofe; de pela primeira vez me vestir como uma bailarina de verdade e de pela primeira vez falar diante de um público. Estavam lá todos os meus amigos e colegas, todos os meus professores a me ver bailar por entre as palavras. Engraçado que não me lembro de ficar muito nervosa, mesmo sendo tão nova a encarar um desafio tão grande.

Com a inocência de uma pequena menina, nem imaginava para onde a literatura me levaria. Ela me levou a fantasiar sobre o mundo, me levou a ver cenas de pessoas ruins, me levou para o intergaláctico em naves de velocidade igual à da luz, me levou a ver cenas em reinos distantes, me levou a derramar muitas águas dos olhos com dramas irresolutos, me levou a amar as letras, me levou a fazer Letras...

As passagens que aqui descrevi fizeram-me ser eu de novo num tempo de um eu que não é o mesmo. Esses singelos detalhes de minha

memória me tornaram ciente de como as sementes dentro de nós não morrem, a menos que a matemos...

E é por isso que devo à literatura, com muito orgulho, grande parte de minha humanidade.

A Bahia e eu

Lara Ferreira Quintão Silva

Lembro bem qual foi a primeira palavra que li. Lembro até como o dia estava: ensolarado, quente, marcante, como só o interior do Goiás consegue. Sentada numa cadeirinha, que tinha meu nome atrás – o qual eu ainda não lia –, esperava ansiosamente, juntamente com mais cinco crianças em uma mesinha do jardim II, a Tia terminar de escrever na lousa o que seria meu primeiro ato como leitora. A propósito, Tia era o nome que usávamos para chamar a professora naquela época. Mas, voltando ao assunto principal, quando ela terminou de escrever e se virou para turma, me vi diante de um dos maiores dilemas que poderia acontecer em todos os meus seis anos de vida.

A tal palavra tinha uma letra que eu reconhecia, mas não sabia seu som quando acompanhada de uma vogal ou consoante. Hoje, pensando bem naquele momento, vejo o quão marcantes certas etapas de nossas vidas podem ser. Agora, cada vez mais próxima dos meus vinte anos, compreendo o quão familiar essa letra se tornou em minha vida depois desse grande evento. A letra em questão era o “H” e, sem realmente ser apresentada a ela, meu cérebro, mesmo juvenil, notou que ela possuía uma particularidade entre as tantas outras letras do alfabeto da língua portuguesa. Dentro daquela salinha, cheguei à conclusão de que o “H”, mesmo sendo a oitava letra de nosso alfabeto, não possuía som algum. Então, se som não há, como eu poderia ler a

palavra? Essas considerações passaram em minha cabeça enquanto a Tia aguardava que um de nós conseguisse executar o exercício.

Foi então que eu decidi juntar o "H" com as outras quatro letras que a palavra tinha e, com certa temeridade, comecei a pronunciar as sílabas em voz alta. Diante disso, o "H" juntamente com as outras letras passaram a fazer sentido. Ele, como nós, seres humanos, sozinho não é capaz de nada, mas quando inserido em um grupo passa a ter um significado real. Naquele momento fui capaz de ler a palavra por inteiro e, na alegria do momento, me ergui da cadeirinha e gritei a plenos pulmões: BAHIA. A Tia, mesmo assustada com minha reação, ergueu a cabeça e evidenciou que minha leitura estava correta.



Memorial das salas escuras que continham livros grandes

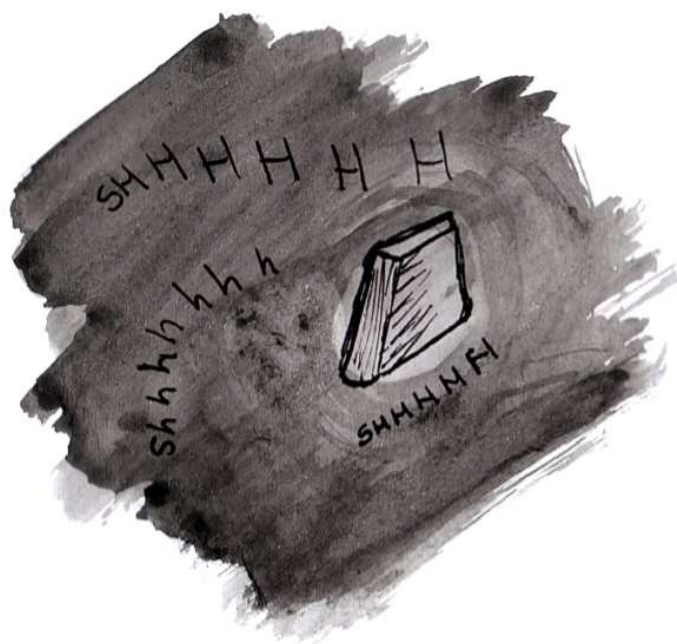
Leandro Henrique A. de Rezende

As memórias de infância guardadas no coração e na mente são várias. Algumas de quando eu ainda era criança e outras várias de adolescente. A vida era simples; o mundo, complexo; a educação, sempre muito rígida e metódica. Alguns poucos professores tomo como exemplo para a vida, já que estou estudando para ser um. Uma me influenciou tanto a ponto de me fazer escolher o curso de sua área, que, infelizmente, descobri não ser o que queria anos mais tarde. Com uma outra me encontrava regularmente, o que me faz lembrar de várias de suas broncas carinhosas. Muitas pessoas têm a primeira leitura da palavra na escola, e comigo não foi diferente. Meus pais foram alfabetizados somente até a 5ª série do fundamental, e, apesar de se preocuparem muito com minha educação, não tive muito contato com os livros antes de ingressar na escola. Porém, o pouco contato que tive antes dela sempre me agradou. Ainda não sabendo ler, criava minhas próprias histórias a partir das imagens, que eram sempre muito coloridas e chamativas. Cada detalhe era perceptível ao meu olhar. Sempre tive muito interesse pelas coisas de pequeno tamanho, vendo muita beleza e delicadeza nelas. Então, os personagens que eram pequenos e tímidos sempre me chamaram a atenção, talvez por perceber que eles eram muito parecidos comigo.

A adolescência foi um pouco distante dos livros. A televisão era mais interessante e atual, o que fazia com que meu interesse pelos

livros fosse perdido, se não fosse pela mãe de uma amiga, que gostava muito de ler e sempre fazia com que eu e sua filha lêssemos algum livro, seja ele qual fosse. A influência da amizade com a bibliotecária da escola fez com que eu lesse alguns clássicos, mas hoje percebo que li apenas por ler, pois não me lembro de ter contextualizado nada das histórias ou sequer entendido algumas. Então, a tão criticada literatura de massa me reaproximou dos livros, com leituras fáceis e cativantes; cada dia mais fui tomando amor aos livros e retomando o gosto pela leitura.

Já na fase adulta, depois de ter entrado na faculdade pela primeira vez, me desafio sempre a ler clássicos da literatura, sejam eles nacionais ou estrangeiros, uma vez que, com vocabulário mais extenso que antes, posso entender melhor as histórias ali contadas. Amadurecer nem sempre é fácil; então, a ajuda de alguns personagens que já passaram por isso é sempre bem-vinda, e crescer do lado de pessoas que você admira pelas histórias que lê, mesmo que elas não estejam presentes fisicamente, é melhor ainda.



O interesse pela literatura está inerente a cada pessoa, e pelo que podemos perceber, se formos analisar as salas de aula atualmente, muitos alunos se formam adorando ler, enquanto outros saem com o mesmo desinteresse com o qual entraram. Paulo Freire, em *A Importância do ato de ler*, fala sobre as condições para se formar as bibliotecas populares, lugares vivos, que despertam no aluno o interesse pelos livros, pelos vários universos, línguas e vidas encontradas dentro de uma biblioteca. Esse ambiente mágico nunca vi em minha vida escolar, somente em projetos dos quais participei e tive o prazer de ver, já adulto, na faculdade. As bibliotecas das escolas onde estudei eram meros depósitos de livros, onde nada diferente acontecia além dos "recontos", quando alunos liam um livro escolhido pela professora para os outros alunos; porém, o ambiente que era criado ali dentro logo se desfazia, fazendo com que rapidamente ele retomasse a forma escura que tinha antes. Nada ali dentro era composto pelos estudantes; nunca houve um incentivo para produzir algo além de textos específicos para determinada prova, para este ou aquele vestibular. Ler nos livros o que antes já se viu no mundo é uma experiência fantástica, e sempre que me deparo com essa situação me sinto abraçado pelos autores e pelo mundo, por sentir que essas pessoas possuem a mesma visão que eu, que andamos juntos no caminho que escolhemos percorrer.

A importância da variedade literária

Mary Bertolacini

Ninguém começa lendo cânones. Chega a ser absurda a imagem mental de uma criança recitando Machado de Assis ou Shakespeare. O processo de aprendizagem da leitura se inicia com letras, palavras simples, até combinações mais complexas e frases. Pequenos livros com caligrafias grandes e claras sempre auxiliam na alfabetização infantil, pois facilitam a visão e a diferenciação. Certamente, não consideramos em meio acadêmico que cinco páginas resumidas de um livro da *Chapeuzinho Vermelho* ou um gibi da Turma da Mônica sejam uma literatura de qualidade, mas é necessário avaliar seu contexto e importância literária.

Aprendi a ler aos meus três anos de idade. Eu não me lembro com exatidão da cena, mas meu pai costuma me contar que ele estava lendo seu usual jornal de domingo quando ouviu uma voz infantil, por trás de sua cadeira, a ler o nome que estava estampado com letras maiúsculas e azuis: "ESTADO DE MINAS". Ficou assustado, mas de maneira feliz, já que por situações pessoais de nossa família eu já frequentava uma escolinha desde meu primeiro ano de idade. A veracidade dessa história pode ser questionada, mas ela é me contada com tanta emoção e intensidade que acabo por me convencer.

O gosto pela leitura sempre foi algo pelo qual era reconhecida quando menina. Caixas e caixas de livros decoravam meu quarto – muito mais do que brinquedos. Dos três filhos, fui a que mais gastou o dinheiro de meus pais em livrarias e a que mais os acordou de manhã

cedo aos finais de semana para irem a festivais literários. Não conecto isso a uma possível intelectualidade ou “inteligência”, mas foram as raízes de minha imaginação e criatividade, qualidade de que me orgulho até hoje.

Assim, quando saí de meu primeiro ambiente escolar, o primário “Pedacinho do Céu”, ingressei no ensino fundamental em uma escola religiosa. O ambiente físico desse colégio em questão era enorme – quadras, sala de artes, parque, pátio... –, mas o que mais me encantava era a casinha onde se situava a biblioteca. Todas as paredes coloridas, mesinhas brilhantes e paredes decoradas com personagens. Lembro-me de que sexta-feira era o dia do livro, quando íamos em grupos para essa biblioteca, devolvíamos nossos livros e pegávamos outros. Por muitas vezes, eu era uma das únicas alunas que pegava mais de um livro ao mesmo tempo. A minha conta de multas era sempre a mais alta, já que eu sempre me esquecia de algum.



Mas a minha paixão não foi apenas um devaneio infantil. É impossível negar quão variada foi a minha lista de leitura na adolescência – desde romances infantis até as mais obscuras prosas de Adélia Prado. A literatura me fez mulher antes de qualquer homem desejar o feito, e isso se constrói em uma gratidão apaixonada em minha vida.

Entretanto, nunca me entreguei aos cânones. Meus gêneros favoritos são completamente contemporâneos: *slam poetry*, *fanfictions* e poemas pílula certamente me chamam mais atenção do

que muitos clássicos. Por acreditar que não sou a única a sentir essa preferência é que constato a importância da variedade de gêneros literários. Existem várias formas de expressar a literatura, uma para cada gosto, uma para cada individualidade pessoal.

Foi em 2015, numa manhã chuvosa de quarta-feira, o primeiro dia do resto da minha vida, quando uma futura publicitária se perdeu no caminho da escola e encontrou uma professora, com os cabelos ainda molhados, atrasada para a aula introdutória daquela turma de segundo ano do ensino médio. A gripe que ela provavelmente pegou por causa do tempo não foi o que me contagiou, mas, se hoje faço Licenciatura em Letras na UFMG, ela pode se chamar inspiração.

Minhas memórias

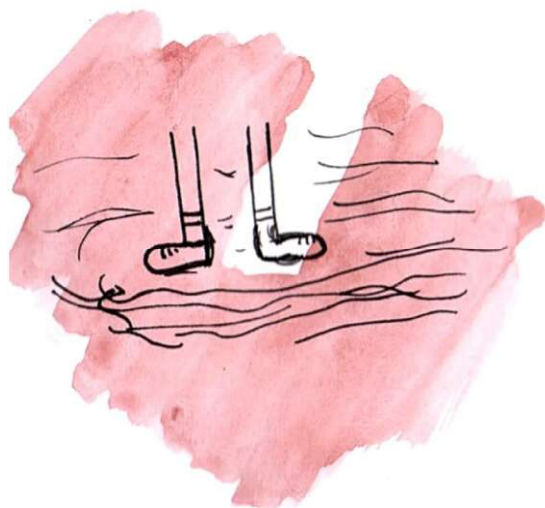
Mírian Talita Silva Martinho

É difícil recordar o que vivenciei tantos anos atrás. As memórias são vagas, mas consigo lembrar alguns acontecimentos e vivências.

Nos anos iniciais, na fase de alfabetização, lembro-me de estudar em uma escolinha em Ribeirão das Neves, um bairro carente, porém de crianças felizes, apesar do pouco recurso pedagógico e estrutura do local. A professora ensinava a contar usando palitos de picolé, além de desenhos, de massas de modelar, de soletração, de pontilhado para aprendermos as vogais e depois as consoantes.

Tudo isso foi bastante enriquecedor para meu processo de aprendizagem. Não posso deixar de mencionar como ia para escolinha, por morar em uma região mais carente e por não ter muitos recursos financeiros: deslocava-me a pé com meu par de tênis branco (que mais parecia marrom por causa da rua de terra), com meias vermelhas, minha mochila jeans (que antes era um pacote de arroz), uniforme e o cabelo à moda Chitãozinho e Xororó – que por sinal ficava muito engraçado e estranho ao mesmo tempo.

O processo de aprender a ler para mim foi uma experiência muito boa. Amava as leituras das historinhas dos *Três porquinhos*, *a Cigarra e a formiga*, *O Patinho feio*, *Pinóquio*, *João e Maria*, *A lebre e a tartaruga* e tantas outras que, além de me ajudarem a desenvolver a leitura, me ensinaram valores que levo e levarei por toda minha vida.



Fui crescendo com um gosto pela leitura, simpatizante pelo português, literatura, ciências e apaixonada por história. Bom desempenho em geografia. Contudo, as pedras no meu sapato eram matemática, física e química, seja pela matéria em si ou por causa do professor que fez com que minha compreensão do conteúdo ficasse comprometida.

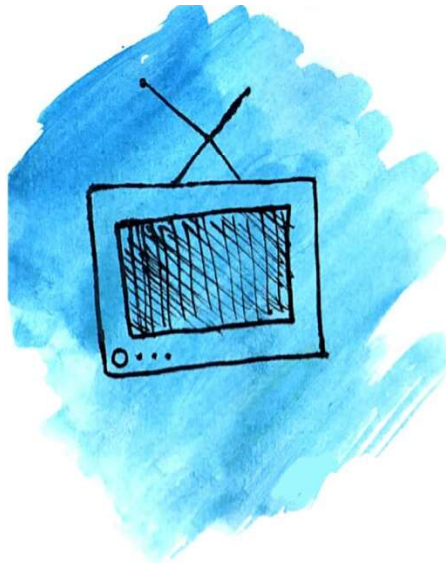
Devido às situações e experiências de vida, desde pequena fui instruída a fazer uma leitura de mundo diferenciada, que reputo ter sido imprescindível para formação do meu caráter. Ensinaaram-me a olhar o mundo e as pessoas pelo que elas são (essência), e não pelo que têm; a extrair o melhor das pessoas e das situações boas ou ruins. Aprendi a acreditar no indivíduo, crer que as coisas sempre podem melhorar através de nossas atitudes; aprendi a ter empatia e respeito ao próximo e outros ensinamentos de grande importância.

Todos os valores que aprendi na escola, na convivência com os colegas de classe, no papel de aluna/aprendiz da vida, do conhecimento e da visão de mundo, tento aplicar de forma a contribuir para melhorar a sociedade em retribuição a tantas pessoas que passaram em minha vida durante meu processo de aprendizagem, que fizeram de mim uma pessoa melhor.

Novo mundo através da leitura

Lucas Ramos

Lembro-me, como se fosse ontem, do momento em que consegui ler, pela primeira vez, sozinho. Era uma tarde de sexta-feira, quando eu estava em casa assistindo pela televisão a um filme na "Sessão da Tarde", enquanto minha mãe estava no mercado.



Minha idade variava entre os cinco e seis anos, e a sensação de conseguir ler e entender por conta própria foi de pura euforia. Lembro-me de ter saído pelo quintal de casa, onde costumava brincar, gritando para todos que conseguira ler.

Duas de minhas tias, as quais são professoras, sempre estimularam meus primos e eu nos processos de aprendizagem. Sempre nos davam livros de fábulas e pediam para que as contássemos, especialmente sob o nosso ponto de vista. Era mágico.

Mencionei há pouco o quintal de minha casa, espaço este que era repleto de natureza, árvores diversas, vários animais, terra. Basicamente, tudo de que crianças daquela época gostavam. Os

meus primos viviam brincando de várias coisas, e eu, por outro lado, mergulhava no mundo da imaginação que os livros me permitiam. Fazia e vivia minhas próprias aventuras.

O tempo foi passando e o interesse e gosto pela leitura foram crescendo. Durante o ensino fundamental, fui me descobrindo apaixonado pela história do mundo, conhecendo vários lugares, heróis e aventuras, até chegar num ponto em que me vi encantado pelo fantasioso e mitológico.

Seguindo esta linha, então, fui apresentado à saga Harry Potter. Uma paixão à primeira vista. Foi a primeira série de livros que me tomou por completo. Chegava da escola, almoçava e “cortava” a tarde inteira lendo e relendo, aprendendo lições de moral, crescendo e me desenvolvendo.

Com isso, o destino me deu alguns sinais de que a sala de aula seria um lugar para mim, num futuro não tão distante. Algumas das minhas professoras me deram clássicos, os quais iam me prendendo cada vez mais nesse mundo; *Dom Casmurro* é um dos meus preferidos.

Hoje em dia, muita coisa mudou, em mim, e também no mundo. Mas, sem sombra de dúvidas, só tenho a agradecer a todos que me estimularam, desde muito pequeno, a estudar e a me encantar pela leitura. O hábito de ler me ajudou, e muito, a abrir os olhos e a mente, a me preparar para o mundo e a me apaixonar sempre, de página em página.

Essa é uma lição que levo pela vida. A leitura me transporta e, por vezes, me transborda. Posso conhecer outros povos e culturas, que às vezes nem existem no mundo real, mas sempre têm algo para ensinar. E este é o ponto: o conhecimento. Ele nunca é demais, além disso, como se diz: não ocupa espaço.

Então, leia, viva, se apaixone, se decepcione também, mas, acima de tudo, aprenda e, reforço mais uma vez: leia!

Meu aprendizado

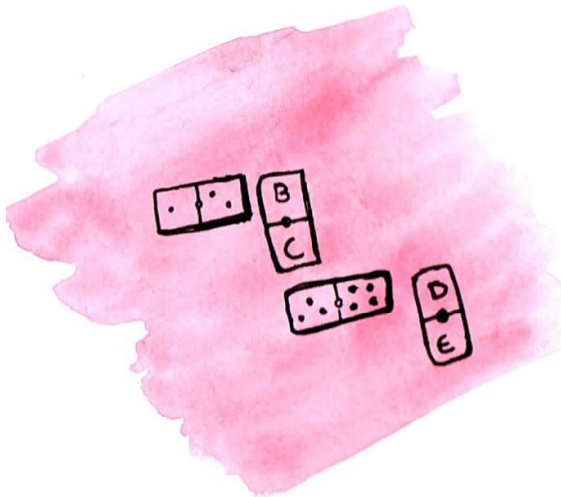
Rosilene Saar Xavier

Aprendi que a vida é uma grande escola, que disponibiliza diversas “disciplinas”, mas depende de cada um de nós a escolha a seguir.

Nasci numa família grande, de nove irmãos, e meus pais foram os principais responsáveis por minha introdução no mundo tanto da palavra escrita quanto da palavra falada. Não guardo muitas lembranças da minha infância, passada no interior do Espírito Santo, mas o início da minha alfabetização é inesquecível.

Meus pais fizeram apenas o Mobral – alfabetização para adultos, utilizada durante o regime militar, que teve influência do Método Paulo Freire. Mas isso não os impediu de serem excelentes educadores.

Meu pai cuidava da matemática e usava brincadeiras como bingo e dominó para nos inserir no mundo dos números. Minha mãe nos apresentava às letras, ensinando vogais, consoantes, sílabas e palavras, nessa ordem. O método consistia em um pedaço de papel, com um pequeno furo, suficiente para ver apenas uma letra



das palavras escritas nas latas de mantimentos da cozinha; depois o furo aumentava para as sílabas e, então, para as palavras.

Depois de aprendermos a ler e a escrever, recebíamos ditados em que eram contadas histórias de amor, de terror ou de comédia. Nas aulas, de ambos, sempre havia alguma lição de respeito, moral, empatia, entre tantos outros valores importantes.

Aprender, para mim, era sempre uma grande brincadeira, e a ida para a escola, algo muito prazeroso, pois fui ensinada a ter gosto pelo aprendizado. O tempo para as lições de casa era sagrado e costumava me poupar de alguma tarefa doméstica, o que me fazia gostar ainda mais de aprender.

Infelizmente, no interior só havia o ensino básico e, além disso, atravessamos o país e fomos morar no Acre, no meio da floresta. Tive que interromper meus estudos escolares, nesta e em umas tantas vezes posteriormente. No entanto, foram nesses períodos de interrupções que percebi o quanto o mundo pode ensinar através das experiências vividas.

E, assim, vim provando um pouco de cada uma das “disciplinas” da vida a que vou tendo acesso, passando por danças, espanhol, turismo, artes marciais, entre outras, até chegar no curso de Letras e descobrir que meu caminho está só começando.

A centopeia e seus livrinhos

Sara Rezende de Souza

Meus amigos costumeiramente narram suas iniciações à leitura da palavra. Alguns têm a terna lembrança da mãe lendo para eles enquanto ainda eram bem pequenos, outros lembram de uma capa marcante, outros ainda foram marcados pela literatura escolar. Tão costumeira quanto a narração dessas lembranças é minha reação emudecida ao iniciarmos esse assunto.

Tenho a meu favor minha memória traidora, que não me permite lembrar com a precisão de meus amigos sobre minha iniciação à leitura da palavra. A lembrança mais remota que tenho é de minha mãe com o livro *As centopeias e seus sapatinhos*, de Milton Camargo. Minha mãe, miúda, constantemente dividida entre as tarefas maternas, matriarcais e profissionais, narrava de forma terna e doce a história da mamãe centopeia que levou sua filha pré-adolescente indecisa até a sapataria da Dona Joaquina para que escolhessem seus muitos sapatinhos. Recordo-me de achar muito divertido o desmaio da Dona Joaquina, quando a Dona Centopeia disse que voltaria no dia seguinte para comprar os seus sapatos.

Uma vaga lembrança da casa em que morávamos, que se mistura com a lembrança da leitura do livro *Os robôs perdidos da Capadócia*, de Marilusa Moreira Vasconcellos, faz com que eu me sinta um pouco menos acanhada pela traição de minha memória, pois me lembro de sentir o frescor do chão vermelho recém-encerado, com as portas e as janelas abertas nas tardes em que o vento era manso.



Essas são minhas duas memórias literárias da infância. As únicas. Mas a segunda me deixa ainda mais satisfeita, porque minha mãe lia pra nós (meu irmão e eu) sempre após a faxina da casa e enquanto o bolo de cenoura assava. A leitura era interrompida para enchermos nossa barriguinha com aquele bolo molhadinho e cheio de chocolate, que perfumava nossa casa e nossa vida sempre muito humilde.

A partir daí, a traição de minha memória é tamanha que retomo minhas lembranças literárias quando já estou na 5ª série ginásial. Eram momentos familiar e financeiro mais difíceis e me lembro de que o único livro que tínhamos em casa era um romance bem adulto, com cenas de sexo explícito, mas que reli algumas vezes, por não ter acesso a outro título. Ficava sentada na porta da casa da minha avó por horas, consumindo aquele livro que um dia minha mãe me disse que eu não poderia ler, pois o conteúdo era impróprio para crianças. Continuei a leitura, escondida.

Foram necessários muitos recuos, afastamentos e muitas voltas, para que eu aprendesse a ler a “palavramundo”.

Também sou traída por minha memória, pois não me recordo de quando tive a percepção da importância da leitura do mundo. Em contrapartida, minhas experiências me lembram diariamente da importância fundamental de como todo meu contato com a leitura

foi importante, mesmo que ele esteja ainda perdido nos confins de minhas lembranças.

A partir do momento em que tomo consciência da leitura que faço do mundo, minha leitura da palavra começa a passar por transformações arrebatadoras e me leva a viver experiências incríveis, que eu julgava não pertencentes à minha capacidade.

Uma dessas experiências narro sempre com os olhos marejados, pois, após quase duas décadas longe de uma sala de aula, realizo o sonho de ingressar em uma universidade federal. Uma das melhores do país. Sem a leitura da palavra e do mundo, esse sonho jamais se realizaria.

Com a leitura da palavra e do mundo, a vida muda! Adquire nuances mais claras, mais leves (e também mais pesadas)...

A importância do ato de incentivar

Serena

Todos nós, quando crianças, passamos por um processo de aquisição da língua escrita e da fala como formas de expressão, e cada processo é diferente do outro: alguns são mais lentos, outros são surpreendentemente rápidos, algumas crianças são autodidatas e outras não. Enfim, cada um tem a sua história, e eu estou aqui para contar a minha.

Eu cresci em uma única casa, inclusive a mesma em que moro até hoje. Sempre fui instigada pelos meus pais a ter contato com a natureza, até porque na minha casa há muitas árvores e, por consequência, aparecem muitos animais por lá. Isso muito me ajudou no processo de aprendizado, pois fui exposta a muitas coisas diferentes que eu queria saber como denominar. Por isso, pude expandir meu léxico de forma relativamente rápida, além de poder ter uma visão de mundo mais ampla do que se eu tivesse crescido em um apartamento e sem contato direto com a natureza.

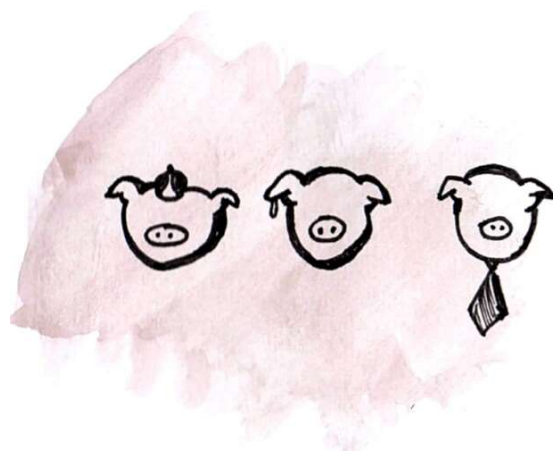
Além desse incentivo, minha mãe sempre me motivou a ler, começando pelas clássicas histórias infantis, como *Os três porquinhos* ou *Chapeuzinho Vermelho*. Lembro como se fosse ontem: eu com quatro anos na sala de casa, o livro *Os três porquinhos* nas mãos, minha mãe ao meu lado me ensinando a escrever “os três porquinhos” e eu extasiada pela descoberta do admirável mundo novo da leitura e da escrita.

Aos seis anos, meus pais me matricularam na pré-escola. Geralmente há um estranhamento por parte das crianças, devido ao ambiente novo e a ausência dos pais, mas o meu caso foi diferente: a escola era o meu lugar favorito no mundo; era onde eu aprendia coisas novas; era o lugar onde eu, aos poucos, descobria o que era o mundo ao meu redor.

Aos onze anos já lia livros como *Fernão Capelo Gaivota*, de Richard Bach, e apesar da dificuldade de compreensão, por conta da complexidade do livro, eu já me fascinava por literatura.

Foi no ensino médio que descobri realmente a minha paixão por literatura: enquanto a maioria dos meus colegas de classe achavam extremamente entediante estudar os movimentos e interpretar livros, eu me interessava cada vez mais pelo maravilhoso mundo dos estudos literários.

Hoje, após anos, mesmo depois de muitas coisas terem mudado, como o fato de eu estar mais ligada aos estudos linguísticos do que aos literários, ainda me lembro dessas coisas, desses pequenos detalhes que fizeram toda a diferença para a minha caminhada acadêmica, principalmente, e social. Se eu pudesse deixar um conselho aos pais, eu diria para eles nunca deixarem de incentivar seus filhos a ter um contato com o mundo exterior, porque isso é fundamental para a formação da criança em vários aspectos, desde a coordenação motora até a formação do caráter.



Desenvolvimento linguístico

Tadeu Vinícius de França

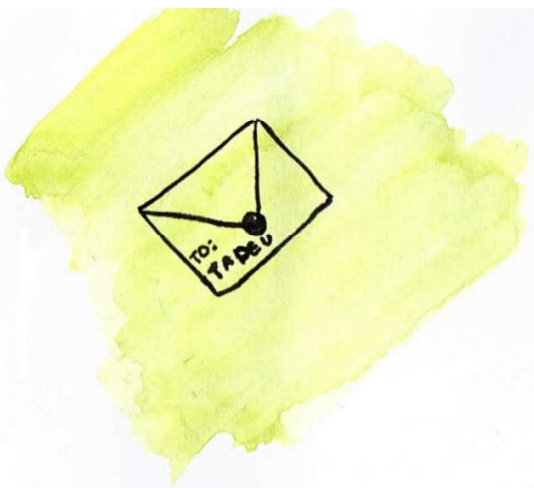
Quando falamos do nosso processo de desenvolvimento da habilidade da leitura é natural lembrarmos das memórias mais antigas de nossas vidas, memórias aquecidas por sentimentos de afeto e pela conexão com aqueles que nos mostraram na prática o que é o amor.

Eu me lembro sempre, com uma certa dose de saudosismo, do meu avô materno, prematuramente falecido, me mostrando todas as embalagens e placas que possuíam informação escrita e pedindo que eu identificasse as letras e palavras ali contidas. Em resposta, eu atendia a todas aquelas inquisições com o mais genuíno dos orgulhos estampado em abertos sorrisos; como neto caçula, havia ali um gesto de diferenciada demonstração amorosa, que apenas anos mais tarde identificaria. Cito também o incentivo que tive dos meus pais nesse mérito: de um lado, tinha uma mãe transbordantemente afetiva e carinhosa (e nessa definição parca não consigo transcrever a verdadeira sensação que desejo comunicar), que demonstrava incríveis entusiasmo e compreensão a cada nova descoberta linguística adquirida; do outro lado, tinha pai a seu jeito atencioso, mas notadamente severo e cobrador de resultados, no mínimo, exemplares, quando se tratava de desempenho intelectual e escolar. A isso atribuo o fato de eu mesmo me cobrar para além do resultado apenas satisfatório, desde cedo. É inevitável citar também minhas primeiras experiências escolares com todos os seus desafios e descobertas, e nesse caso dou especial

destaque aos desafios que se demonstraram espinhentos nesses anos iniciais. Enquanto descobria as primeiras letras, também ia percebendo que o desempenho naquele lugar era determinante para as relações sociais, e, no meu caso, meu desempenho inferior me fez ser tratado dessa forma também. Essa realidade se manteve até a 5ª série, quando percebi o choque da qualidade do ensino do sistema privado de educação para o sistema público, pois de pior aluno da turma saltei para o melhor disparado. Para além disso, da escola; lembro-me das primeiras professoras com suas compreensivas reações ao difícil processo de letramento a que uma criança é submetida. As letras iam se (de)formando com dificuldade daqueles pontilhados, mas o “Parabéns! Ótimo trabalho!” era sempre garantido nas avaliações.

Poderia aqui também citar minha relação na pré-adolescência com a Literatura Fantásiosa, que foi essencial para o nascimento do gosto pela leitura que até hoje preservo. Como não considerar J. K. Rowling em meu processo de encantamento com o “ler” se suas histórias fabulosas poderiam muito bem ser as minhas? Uma criança de onze anos com nada em especial lendo a história de uma

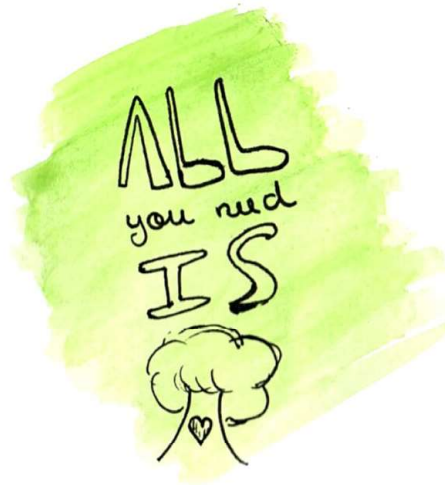
criança de onze anos com nada em especial que recebe uma carta que muda completamente sua vida e a torna protagonista da narrativa.



Sobre livros e palavras

Teodora

Tenho em mente uma memória falha e embaçada de, ainda não sabendo ler, pedir a minha avó para me ler uma história. O cenário era sempre o mesmo: ela sentada na cadeira de balanço que ficava no alpendre da casa onde costumávamos morar e eu sentada no seu colo. O objeto de leitura também era sempre igual: um livro azul enorme de capa dura que tinha em seu interior fadas, sereias, príncipes encantados e alguns seres que eu tenho certeza serem invenção da minha avó. Essa é uma das poucas lembranças que me restam dela, já que ela faleceu quando eu ainda era muito nova.



Quando eu cursava a quarta série, minha professora de português lançou um desafio: quem conseguisse ler todos os livros de uma estante que ficava na nossa sala seria contemplado com um prêmio surpresa! Ao final de um mês fui a primeira a concluir a tarefa. Não me recordo qual foi o presente, mas lembro-me de que me foi passada outra tarefa: a de escrever um conto baseado no livro que eu mais havia gostado. Eu escrevi um conto engraçadinho

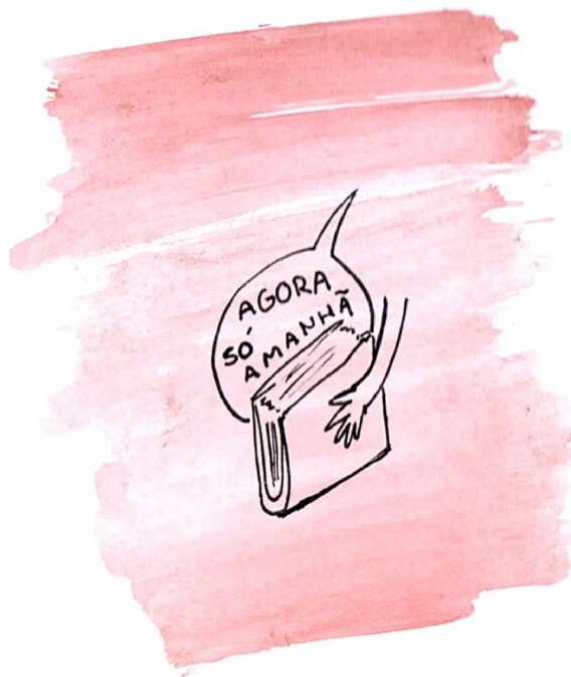
sobre férias escolares baseado no livro *Comédias para se ler na Escola*, de Luís Fernando Veríssimo. Meu conto foi aplaudido na sala e eu tive que lê-lo em uma dessas apresentações infantis em que o objetivo é nos fazer passar vergonha. Mais tarde, naquele mesmo ano, ganhei uma agenda da *Hello Kitty* por escrever a melhor redação referente ao tema "O desmatamento no Brasil". Não faço ideia do que havia de tão especial em um texto infantil que tinha como título "Tudo que precisamos é amar a natureza", mas o que eu posso dizer? Eu era fã dos Beatles naquela época!

Dando um salto enorme no tempo, quando completei 18 anos e tinha acabado de passar no vestibular para um curso de Engenharia, que, alguns anos depois, viria a ser minha maior tormenta, eu encontrei o livro azul da minha avó. Ele estava tão conservado, era como se tivessem se passado apenas alguns dias! Dentro dele havia várias anotações, rabiscos e desenhos de uma Teodora que ainda não tinha tanto apego pelos livros. Aquele achado me fez chorar e escrever uma poesia que acabou indo parar em um *blog*. Na época, mais de setenta pessoas comentaram a poesia, o que, para mim, foi um arraso! Mesmo hoje, ainda lembro exatamente a sensação tola e gostosa de escrever algo sobre alguém que amo e esse algo tocar outra pessoa também. Eu ainda não sabia, mas aquela sensação me perseguiria e me faria, cinco anos mais tarde, ingressar em um curso de Letras logo após me formar em Engenharia.

Como descobri o mundo das letras

Thiago Maciel

O gosto pela leitura foi incentivado pela minha mãe. Ainda me lembro de quando deitávamos na rede durante os dias secos de verão na varanda de casa (tudo bem, talvez eu esteja romantizando um bocado a situação, mas é verdade que eu me recordo com exatidão de quando conheci a Boneca de Lata que criou vida e quando visitei os sapatos falantes que vivem num mundo só de sapatos).



Ela, mamãe, tinha um jeito especial para entoar as falas diante das situações dos personagens e parecia escolher a dedo o capítulo final de cada dia. Com olhos de suspense, fechava o livro com um estampido e dizia: "agora só amanhã". Fazia-me passar o dia especulando o que aconteceria, é claro. E isso só fez o meu amor pela literatura crescer mais depressa... Digo, o fato de que qualquer

coisa poderia acontecer com a minha história favorita na página seguinte; a bendita adrenalina, que me acompanha até os dias de hoje, de esperar pelo acontecimento seguinte; de andar o tempo todo no escuro, prestes a me deparar com uma reviravolta ou com a morte do meu herói predileto.

Com a sementinha plantada, entrei no ensino fundamental com uma sensação insaciável pelo mundo fictício. Para a minha sorte, tive a melhor professora do mundo – não por acaso também era minha *tia* em casa –, que incentivava os alunos a conhecerem obras infantis durante as aulas de português. É, é verdade que não foi uma sensação nada agradável descobrir que nem todas as crianças da minha classe gostavam de ler como eu. Na verdade, nenhuma. A segunda decepção veio quando descobri que a biblioteca escolar não era o suficiente; poucos livros com assuntos pelos quais uma criança de dez anos normalmente se interessaria.

Aos onze, descobri um baú de uma segunda tia, que outrora fora professora de português. Nunca cheguei a conhecê-la, mas sempre ouvira histórias ao seu respeito e sua monumentosa fotografia emoldurada na sala da casa de minha avó sempre me impressionara. Ali encontrei relíquias como as primeiras edições da série Vaga-lume e outras obras nacionais. Como você, caro leitor, já deve imaginar, para uma criança daquela idade, aquilo fora equivalente a encontrar um baú do tesouro; hoje vejo que sim, era de fato um tesouro valiosíssimo.

Posteriormente, conheci a saga Harry Potter e os primeiros livros sem ilustrações (eu realmente me sentia adulto por conta disso). Posso dizer que a coleção marcou minha adolescência e amadurecimento – tanto literário quanto pessoal. Passei a devorar obras mais adultas logo em seguida, como Dan Brown e Khaled Hosseini (hoje o meu autor favorito).

Além do apreço pela leitura, também desenvolvi paixão pela escrita. O meu primeiro “livro”, que mais parecia um roteiro de filme da Sessão da Tarde, foi escrito antes dos dez anos. Contava a história de um grupo de amigos que embarcava numa aventura em um acampamento longe de casa. Ainda tenho os rascunhos; garranchos registrados em folhas sem pauta.

Minha mãe foi a minha primeira leitora. Devolvi o que me foi ensinado durante os nossos repousos na rede: toda noite antes de dormir, lia um capítulo em voz alta e, é claro, fazia questão de deixá-la se perguntando o que aconteceria em seguida (de qualquer jeito, com aqueles personagens rasos e previsíveis, duvido que ela não tivesse previsto, logo no primeiro momento, que todos terminariam com finais felizes). Mas no fundo acho que quem dormia ansioso para que a noite seguinte chegasse era eu; os comentários tecidos e as suas caras e bocas enquanto ouvia sobre o mundo que eu havia criado me faziam querer escrever mais e mais, e ainda fazem.

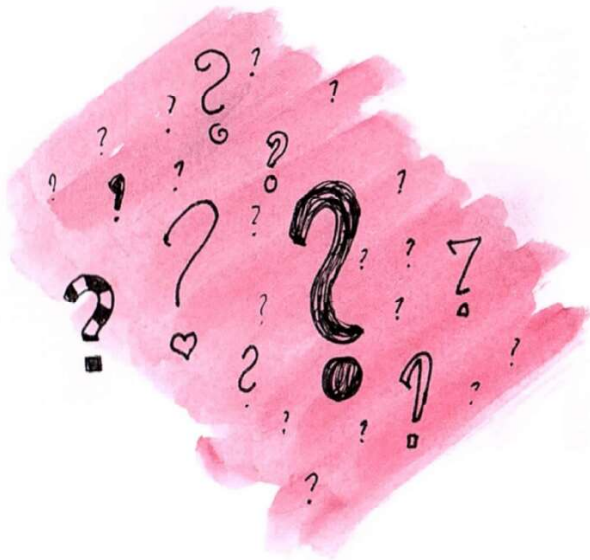
Memorial

Ruth Mendes Guimarães

Cresci cercada de livros. Mas, por mais contraditório que possa parecer, o meu processo de aprendizagem da leitura não foi fácil nem prazeroso.

De certa forma, considero-me privilegiada por ter crescido em uma casa que tinha um cômodo inteiro dedicado aos livros. Prateleiras e prateleiras recheadas de livros dos mais variados temas: enciclopédias, tão populares na minha infância, romances, livros de história, ciências, línguas, dicionários, atlas e alguns religiosos, entre outros.

Mas esse era um ambiente de curiosidade e medo. Explico: meu pai, por ter tido uma educação muito austera, passou isso para os filhos. Um grau de exigência muito grande e pouquíssima tolerância com o erro. Cresci cercada de inseguranças e incertezas.



Os livros do universo infantil a que tínhamos acesso eram poucos, pois, segundo meu pai, era perda de tempo. "Por que não ir direto aos clássicos?" Aí, o grau de dificuldade aumentava bastante.

Da escola também não tenho boas recordações. Uma educação bastante tradicional e formal, que privilegiava a memorização mecânica. Recordo-me de um episódio que deixou marcas profundas. Quando, por volta dos seis ou sete anos de idade, então no primeiro ano primário, não consegui ler um texto em sala de aula e a professora fez o maior escândalo. Chamou a coordenação da escola e mandou ligar para a minha mãe. Eu estava petrificada de medo e vergonha. E ela, levando a situação para o lado pessoal, tomou minha atitude como uma afronta à sua autoridade. Sinto que até hoje não me recuperei totalmente desse trauma.

Tive um pouco de dificuldade para aprender a ler. Recordo-me da sensação de satisfação e alívio ao terminar o primeiro livro sozinha, *A vaquinha malhada*, se bem me lembro. Era um livro de ilustrações que ocupavam quase a página inteira e poucas frases, mas foi uma grande vitória.

Li poucos livros durante a infância, somente os obrigatórios da escola. Olhava com uma certa inveja para minhas colegas que ganhavam gibis dos seus pais, pois, para mim, eram objetos proibidos.

Mas eu não desisti dos livros. De vez em quando, iniciava alguma leitura, mas sempre acabava desistindo. Porém, eu sabia que precisava insistir, até que um dia, já na adolescência, deparei-me com um livro de Clarice Lispector, a obra *Água Viva*. Não entendi muito bem, mas me reconheci naquelas páginas, me encontrei e não consegui parar de ler. Foi uma experiência transformadora. Depois vieram outros, de contos, da mesma autora, romances, de outros autores, e não parei mais.

Hoje em dia, faço questão de frequentar bibliotecas e, quando posso, comprar todos os livros pelos quais minha filha, Clarice, manifesta interesse.

Fragmentos de um memorial acadêmico

Daniervelin Pereira

A pedido dos meus alunos, também me insiro nesta obra com alguns trechos do memorial apresentado por mim em ocasião da banca de concurso na UFMG, em 2016:

“Na infância, sempre tive presentes meus avós, tios, tias e primos. A família é grande, pois meus avós maternos têm 14 filhos e os paternos, 11. Assim, sempre aos domingos era (e é) dia de reunião e muita comida. Os recursos financeiros eram poucos, mas a qualidade de vida era muito boa e nunca faltou nada de essencial.”

“Não me lembro muito bem quando foi que ‘despertei’ para a leitura e para o mundo, mas tenho certeza de que foi ela, a leitura, que me transformou numa aluna que, até o final do ensino médio, se tornaria muito dedicada. Ao ir até a pequena biblioteca municipal de Jaboticatubas, encontrei uma pessoa de suma importância na minha biografia: a funcionária Fátima. Ela não só me indicava os livros para fazer as atividades pedidas pelos professores, mas me apresentou o fabuloso mundo da literatura. ‘Leia este livro, Dandan, você vai adorar!’ Ela me ensinou que os livros mais desgastados eram os melhores, porque muitos os haviam lido. Fiz parceria com algumas colegas, com as quais competia na quantidade de livros lidos e também na velocidade da leitura. Li livros sem muito saber sobre eles, sobre sua importância. A paixão pela leitura se tornou tamanha que precisei criar um pequeno livro de anotação dos ‘Meus livros preferidos’. Aos poucos, levei também meus dois irmãos mais novos a adquirir esse gosto pela

leitura. Assim, sob a copa de uma mangueira, das várias que ainda há no sítio, líamos por horas...”

“Dos livros que li, lembro-me de um livro que foi marcante em minha adolescência. Como em minha família não tínhamos o hábito de conversar sobre temas muito pessoais, um livro me ajudou a compreender muito do que acontecia comigo: *Desencana que a vida engana*, de Laís Tapajós. O livro trata de temas como identidade, corpo, namoro, sexo e família.”

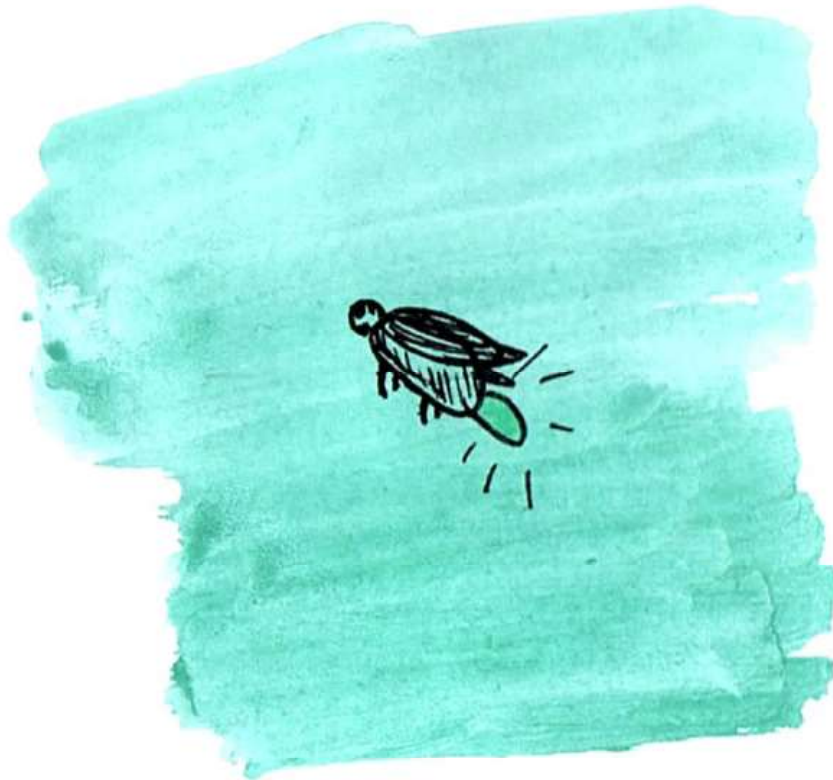
“Entre os professores, correndo o risco de ser injusta, três se destacam como incentivadores e modelos para mim: Olga Julieta da Fonseca (Português), Ana Maria Pereira de Siqueira (Português) e Antonio Duarte Lage – Ninio (Matemática). Pensando no porquê desse destaque, remeto a meus estudos sobre educação e percebo que eles conseguiram, pela forma crítica de compreender o conteúdo e de pensar em como o outro poderia compreendê-lo, captar minha atenção e interesse pelos saberes que eles comunicavam nas aulas e mesmo fora delas. Isso se resume em saber educar.”

“Não havia no trabalho da escrita e da leitura foco na estrutura do texto, nas características dos gêneros textuais (que só ganhou estudos dedicados nas escolas mais recentemente), mas lembro-me de muita ênfase na gramática, na escrita e reescrita de textos com o objetivo de compreender regras gramaticais. A separação entre disciplinas de língua portuguesa e literatura fora marcada; a primeira, voltada à leitura, à escrita, à interpretação de textos e ao estudo da gramática, e a segunda, destinada essencialmente aos estudos dos estilos de época (tratados cronologicamente e com exemplos literários nos livros didáticos).”

“Um projeto também marcante no meu percurso de letramento foi o de intercâmbio cultural por cartas entre alunos do ensino médio da Escola Estadual Leônidas Marques Afonso, onde eu estudava, e alunos de escolas públicas de Belo Horizonte. O sucesso da empreitada fez com que o projeto tivesse continuidade. Em 2013, o projeto já estava em sua 17ª edição. Por meio de cartas pessoais, escritas e reescritas, tivemos a oportunidade de conhecer um estudante ao longo de um ano, culminando com o encontro presencial entre as turmas participantes.

Guardo ainda, com carinho, as cartas que recebi por meio desse projeto e a lembrança do encontro com minha correspondente, que na época estava grávida.”

“Nesse momento, as memórias se misturam: cheiro de manga; sensação de calor que sentia deitada sob o sol na grama com os vários cães que haviam no sítio, as galinhas, os gansos, as codornas passando ao lado; a necessidade de estudar para voar para longe, buscando os desafios que a leitura dos livros me apresentava; os trabalhos manuais, de ponto cruz e crochê que fazia para me distrair e vender para ajudar em casa; as vozes dos meus pais e irmãos...”



Sobre os autores

Daniervelin Renata Marques Pereira: Professora da Faculdade de Letras da UFMG. Doutora em Letras pela USP.

Dênio Vaz: Graduado em Letras com Licenciatura em Língua Portuguesa. Professor da rede estadual de ensino.

Gabriella Viriato: Apaixonada pela arte da escrita. História dedicada à Grazielle Resende em 2017.

Isadora Lotti: Graduanda em Letras - Licenciatura em Português e colaboradora no projeto do livro *Memorial de Leituras*.

Lady Lourdes: Aluna do curso de graduação da Faculdade de Letras da UFMG. Um dia quis ser bailarina, astronauta, cientista, estilista e, cuja ambição atual é, se tornar um ser humano melhor, de linha em linha, de verso em verso.

Lara Ferreira Quintão Silva: Graduanda em Letras, turma de Edição, da Faculdade de Letras da UFMG.

Leandro Henrique A. de Rezende: Professor de inglês, graduando em Letras pela UFMG.

Lucas Ramos: Nascido em Matozinhos/MG, publicitário pela Faculdade Promove e estudante de Letras da UFMG.

Mary Bertolacini: natural de Belo Horizonte (MG), em 1998. Devota a todo tipo de arte – de Shakespeare a Basquiat – gosta de expressar sua criatividade utilizando de diversas formas: escrita, produção de vídeos, ilustrações e o que mais der na telha. É aluna de Letras na UFMG, roteirista do Coletivo 116 e possui alguns textos reconhecidos, entre eles o poema “Mímese”, premiado pela União Brasileira dos Escritores em 2018. Também possui um canal amador no Youtube onde fala sobre uma de suas maiores paixões: Beatles. Desde sua adolescência, é envolvida em movimentos sociais e políticos, como o feminismo e a causa LGBT. Hoje, faz parte do Diretório Acadêmico Carlos Drummond de Andrade. Na maioria do tempo, pode ser encontrada na companhia de alguns dos sete gatos ou três cachorros que sua família possui (e contando).

Mírian Talita Silva Martinho: Advogada, bacharel em direito pela UVV, formada no curso livre de Teologia e graduanda em Linguística pela UFMG.

Reginaldo Pereira Barbosa Júnior: Aluno de Letras da UFMG.

Renata Eda: Graduanda de Tradução Inglês/Português da UFMG. Eterna fã do Rubem Alves.

Rosilene Saar Xavier: Estudante do curso de Letras da UFMG.

Ruth Mendes Guimarães: Nascida em e moradora de Belo Horizonte, Minas Gerais. Formada em Psicologia pela FAFICH/UFMG e graduanda em Letras pela Faculdade de Letras da UFMG.

Sara Souza: Estuda Edição na UFMG, atua no mercado livreiro e editorial como revisora, preparadora de originais, colunista e também

como consultora literária. Além disto, administra o site “Cotovia Literária” onde publica resenhas sobre os livros que lê e, acima de tudo, expressa toda sua paixão e sua crença nos livros, na educação e na literatura.

Serena: Graduanda em Letras pela UFMG e apaixonada pela licenciatura.

Sthefany Magalhães: Amante das letras do céu e da terra. Entusiasta da transformação pela educação.

Tadeu Vinícius de França: Estudante do curso de Letras/UFMG na época da atividade desenvolvida na disciplina Oficina de Língua Portuguesa, em 2017.

Teodora: Estudante perdida entre livros, sonhos e planilhas.

Thiago Maciel: Estudante da Faculdade de Letras da UFMG. Leitor, escritor e professor.

**Publicações Viva Voz de interesse para a
área de estudos literários**

**19th Century Revisited: adaptations and
appropriations**

Camila Figueiredo (Org.)

Miriam Vieira (Org.)

Criadores e criaturas na literatura

Julio Jeha (Org.)

Lyslei Nascimento (Org.)

**A crítica literária e a função da teoria: reflexão em
quatro tempos**

Nabil Araújo (Org.)

**Mulheres em letras: Memória, transgressão,
linguagem**

Aline Alves Arruda (Org.)

Ana Carolina Barreto Neves (Org.)

Constância Lima Duarte (Org.)

Kelen Benfenatti Paiva (Org.)

Os livros e cadernos Viva Voz estão disponíveis em versão
eletrônica no *site*: <www.lettras.ufmg.br/vivavoz>

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

M533 Memorial de leituras / Organizadoras: Daniervelin Pereira...(et.al.);
[Ilustrações: Mariana Sá Bertolacini]. – Belo Horizonte :
Faculdade de Letras da UFMG, 2020. (Viva Voz)
79 p.: il.

ISBN: 978-65-87237-13-8 (digital)

ISBN: 978-65-87237-12-1 (impresso)

1. Língua portuguesa – Estudo e ensino. 2. Leitura – Estudo e ensino. 3. Leitura – Aprendizagem. 4. Leitores – Reação crítica. I. Pereira, Daniervelin Renata Marques. II. Bertolacini, Mariana Sá. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. .V.Título. VI. Série.

CDD : 469.07



As publicações Viva Voz acolhem textos de alunos e professores da Faculdade de Letras, especialmente aqueles produzidos no âmbito das atividades acadêmicas (disciplinas, estudos e monitorias). As edições são elaboradas pelo Laboratório de Edição da FALE/UFMG, constituído por estudantes de Letras – bolsistas e voluntários – supervisionados por docentes da área de edição.